

6

As construtoras de uma nova ordem – Análise das fotos

Para fazer frente aos objetivos de minha tese, procurei nos capítulos anteriores descrever a construção da profissão de professora. Através desta trajetória, verifico que ser professora foi, certamente, uma das primeiras profissões respeitadas a que a mulher pôde ser dedicar. Afinal, a boa mãe educa seus filhos, ensinando-os as regras do comportamento social esperado e os valores basilares que regem a família, a ordem, a pátria. Segundo Tanuri (2000, p. 13-14),

de um lado, o magistério era a única profissão que conciliava as funções domésticas da mulher, tradicionalmente cultivadas, os preconceitos que bloqueavam a sua profissionalização, com o movimento em favor de sua ilustração, já iniciado nos anos [18]70. De outra parte, o magistério feminino apresentava-se como solução para o problema de mão-de-obra para a escola primária, pouco procurada pelo elemento masculino em vista da reduzida remuneração.

A autora em questão inspira-se na classificação de Nóvoa que demarca a passagem do modelo não sistematizado da profissão de professor para a escolarização da profissão, mudança que ele denomina de funcionarização do magistério. A partir do momento que a formação do professor passa a ser controlada pelas escolas, o Estado intervém nessa formação, transformando o docente em funcionário: “os processos de *profissionalização* e de *funcionarização* são quase sinônimos: tornar-se *docente profissional* significa, em geral, chegar a um posto de *funcionário* na administração pública” (Nóvoa, 1991, p. 117-118; grifos no original).

Esse novo ordenamento propunha um tripé sobre o qual o professor deveria “saber se portar, saber o que ensinar e saber como ensinar”, além do ensinar a ler, escrever contar e rezar (Villela, 2005). Assim, a escola normal remodelada a partir da década de 1860 já preconiza um ensino de ordem técnica que pudesse instrumentalizar o professor na tarefa de lecionar.

Junto à preocupação do *o que ensinar*, as escolas normais dão um passo à frente colocando a questão de *como ensinar*. Antes de ser apenas um jogo de palavras, essa nova pergunta vai trazer uma dimensão técnica à profissão de professora, diferenciando-a do exercício leigo da profissão. Mesmo que essa profissão percebesse um salário, este era bem reduzido, quase um *pro labore*.

Chamon (2005, p. 66) faz um caminho que pode ser uma via para que se entenda essa razão. Diz a autora, referindo-se à segunda metade do século XIX, adentrando nas primeiras décadas do século XX, que “a vinculação entre ação educativa e catequética, entre a figura da educadora e da missionária passou a associar-se à imagem da mulher, na qual as principais qualidades deveriam ser a virtude, o amor e o **desapego às recompensas materiais**” (grifos meus).

A força simbólica da missionária repercute diretamente nas questões de ordem prática, configurando o magistério como profissão feminina, visto que os homens, por sua representação de provedor, não se sujeitariam a tão má remuneração. A autora coloca uma interessante pergunta que as observações aqui discutidas por si respondem-na: “se são as mulheres as profissionais do amor, se sua tarefa maior é servir, com sua virtude, aos interesses da nação, se são ‘vocacionadas’ para uma nobre missão, por que lutar por seus direitos profissionais?” (Chamon, id., p. 69).

A construção da figura da professora era além de seu cabedal de conhecimento também uma questão estética: seus trajes, a maneira de comportar-se, de conduzir-se socialmente, seu cabedal de conhecimento, todos esses pontos deveriam convergir para a configuração de um modelo docente. O vestuário é, cada vez mais, a partir do século XIX, sinal de distinção, símbolo de pertença, marcando uma hierarquia social. Nacif discute essa questão colocando que

mais do que o luxo, o que se pretendia era mostrar a correção da aparência, que deveria estender a higiene física ao traje, a boa apresentação refletida ao mesmo tempo em trajes adequadamente conservados (nem rasgados nem amassados) e adequados ao status – ou seja, não ficava bem ostentar um padrão financeiro acima do real. **É por isso que um professor nunca deveria se apresentar diante de seus alunos com trajes negligenciados. Não se esperava o luxo vestimentar do mestre – o professor não tinha muitas posses -, mas a correção e a limpeza deveriam ser rigorosas** (Nacif, 2000, p. 95-96; grifos meus).

Entretanto, não se estabelecem simbolismos sem barganhas. A representação hegemônica é sempre uma luta no campo do simbólico que negocia, partilha e em certos momentos impõe significados para o estabelecimento de uma ordem. Portanto, se as mulheres tomaram para si a tarefa da moralização, também conquistaram o poder de fazerem-se presentes nos espaços públicos, antes proibidos a elas. Esse espaço foi sendo tomado, habitado, cartografado e, por que não dizer, habilmente ocupado pelas mulheres professoras:

a associação entre ação educativa e missão religiosa, entre atitudes maternas e profissionais teria levado o poder instituído e a sociedade a privilegiarem essas características na configuração do ideal da professora, no sistema de instrução pública elementar. **Era aberta, às mulheres que tinham acesso à escolarização, uma atuação na esfera pública, como professoras** (Chamon, 2005, p. 71; grifos meus).



Foto 41
Escola Campos Salles - década de 1950
Alunos em recreação

No centro da roda, verticalmente como o bastião pátrio, a professora conduz a atividade ao ar livre de movimentos do corpo, como uma ginástica. Os pequenos imitam a professora que lhes serve de exemplo;

assim, a atenção é chamada para o fato de a criança ser um ser ativo, da necessidade de se respeitar a ordem natural do seu crescimento, de desenvolver os sentidos, capacitando-a a descobrir as coisas por si mesma e, em conseqüência, **o preparo do professor parece indispensável** (Ribeiro, 2000, p. 68-69; grifos meus).

Esse mesmo preparo, que a partir do final do século XIX torna-se preocupação, com a proclamação da República confirma-se em ações práticas. Segundo Chamon (2005, p. 79), “nunca tantos apelos tinham sido feitos ao papel social da mulher que, paradoxalmente, tinha o poder de participação limitado por lhe ter sido negado, pelos mesmos poderes instituídos, o direito de freqüentar o espaço público”.

A “nova mulher”, a professora, acaba por ser erguida à categoria de símbolo para servir “de modelo vivo das

virtudes nacionais” (Müller, 1999, p. 12). Ademais, assim como a nação precisava ser construída, a professora também haveria de sê-lo. Não se trata de entender a figura da professora isoladamente, *per si*, mas entretecer a trama para entendê-la como essa figura se relaciona com as práticas culturais e sociais da época estudada.

A harmonia no trajar passa também a compor o ambiente escolar, criando um “estilo escolar”, se assim é possível que se diga e Nacif (2000, p. 39) permite que se faça essa afirmativa sublinhando que “o vestuário adapta-se ao ambiente natural ou ao ambiente urbano; ao mesmo tempo, aponta as relações sociais presentes na sociedade em que é usado; por fim, **tende a sinalizar os aspectos do indivíduo, inserindo-o no grupo social do qual faz parte**” (grifos meus).



Foto 42
Escola Joaquim Manoel de Macedo
5º ano (na foto)
Provavelmente 1922: sem autoria



Foto 43
Escola Pereira Passos – 5ª série
Dezembro de 1946; sem autoria

Fazendo um paralelo da foto de 1922 com a foto de 1946, a passagem para o uso do uniforme é rapidamente detectado como uma diferença marcante. Porém na foto de 1922, ainda assim, há uma unidade que não é dada pelo uso o uniforme, mas sim por outros indícios. No conjunto retratado em 1922 há uma homogeneidade nos cortes dos cabelos, nos sapatos, nos vestidos, nas cores dos tecidos, que na fotografia podem ser entendidos em claros e escuros.

A moda, como é apontado acima, é um diferencial individual e uma chave de entrada para um determinado grupo; suas mudanças “ligam-se a transformações mais vastas e completas: o modo de ser, sentir e pensar de uma sociedade” (Souza, 1987, p. 22), em cada época. Sob essa perspectiva, explica a autora citada, “é no século XIX, quando a democracia acaba de anular os privilégios de sangue, que a moda se espalha por todas as camadas” [...] (id., ib., p. 21).

Tal é a uniformidade, que mesmo estimando a data da foto, pode-se buscar um extrato que a localize no tempo pelos elementos ali registrados, o *zeitgeist*, como diriam os alemães, o “espírito de uma época”.

6.1

Análise e discussão dos elementos das fotos selecionadas para o estudo

ESCOLA TIRADENTES



Foto 44

Sem data - provavelmente 1910

Autoria de Augusto Malta (assinado na foto)

Fonte E/ CREP

Características da foto

Trata-se de uma fotografia tipo preto e branco (p&b), posada, em enquadramento horizontal, de autoria de Augusto Malta, assinado na foto no canto direito do espectador. É uma turma de alunos com professora, na parte externa da Escola Tiradentes, situada no Centro do Rio de Janeiro. Traz a inscrição “1ª turma elementar da Escola Tiradentes da Adjunta D. Alcina I. Mafra”. A turma se encontra inserida no retângulo áureo. Em primeiro plano encontra-se a turma; no segundo plano, o fundo da escola. O objeto central são os alunos e a professora, que se destacam em primeiro plano.

Análise iconológica

É uma turma de crianças não muito pequenas, aparentando entre 10 a 13 anos; as meninas usam uma faixa transpassada no peito na qual está escrito “Tiradentes”, e seguram uma bolsinha; as roupas das crianças e da professora não parecem ser roupas do uso cotidiano; todos olham diretamente para a câmera e não há sorrisos.

A impressão que se tem é que a turma está arrumada para alguma festividade para ser fotografada. As festas cívicas nas escolas foram também uma estratégia de execução do ideário republicano.

Em se tratando de Tiradentes, o alferes foi alçado a herói pelos republicanos, que fizeram de sua condenação uma história de luta abnegada pela liberdade do país (Murilo de Carvalho, 1990). Desse modo, não é de se admirar que na Escola Tiradentes estivesse a presença do fotógrafo oficial Augusto Malta.

Quanto à roupa da professora, esta se destaca das dos alunos pelo tipo e cor de suas roupas. Ela está calçando luvas sem dedos - *mitaine*¹¹³, além de segurar um objeto que parece um leque, o que denota elegância à época. O leque era um acessório que compunha a indumentária da *Belle Époque*, com roupas pesadas e fechadas, visto não ser de bom tom as mulheres mostrarem seu corpo. Veja-se este modelo de vestido da *Belle Époque* francesa, muito semelhante ao que a professora usa.¹¹⁴



Figura 21
Mitaine

¹¹³ Disponível em: < www.chapellerie-traclet.com >. Acesso em: 20 jan 2008.

¹¹⁴ Disponível em <<http://www.vintageblues.com/history1.htm>>. Acesso em: 20 abr 2007.



Figura 22
Vestido de 1910



Detalhe da foto 44

Também a *mitaine* só era usada em ocasiões especiais, o que reforça ser o momento fora dos acontecimentos cotidianos. Nacif (2000, p. 269) confirma o traje formal da professora lembrando que “os trajes caseiros [...] sua principal característica é não apresentar complementos (chapéu, casaco, luvas e, às vezes, sapatos) e nem todas as partes do traje de passeio”. Assim, a professora usando luvas, leque, vestido de gola alta e ornada mostra que a ocasião não era, de fato, corriqueira, nem muito menos, caseira.

Seu cabelo preso em coque também é uma demonstração de sua seriedade, posto que o cabelo só era solto na intimidade, cabendo aos locais públicos o decoro dos cabelos presos.



Detalhe da foto



Detalhe da foto 71

O fato de não haver sorrisos pode estar relacionado à técnica fotográfica da época ser demorada para registrar a foto: levava-se de 5 a 10 minutos parado para que o fotógrafo fizesse o registro; por essa razão seria muito difícil manter o sorriso espontâneo ou não, por todo esse tempo. Ademais, em fotos oficiais não ficava bem mostrar muito contentamento, pois poderia parecer leviano. A escola era o local da seriedade que construiria a civilização brasileira.

Parece não haver a intenção de mostrar o entorno, o prédio da escola, visto que a turma e a professora encobrem o que está atrás. Há a presença de alunos negros e brancos, meninas e meninos em uma mesma turma, o que aponta ser a Escola Tiradentes uma escola mista, seguindo as mais novas prescrições pedagógicas e oficiais a respeito da co-educação.

Contrariando, de alguma forma, as estatísticas da época, a presença feminina na turma é maior do que a de meninos, embora os positivistas já previssem em sua doutrina, a educação feminina como mais um pacto para o futuro: é pela educação da menina, que um dia será mãe, que a civilização da nação será erguida.



Detalhe da foto 44

JARDIM DE INFÂNCIA CAMPOS SALLES



E. Campos Salles - 1910 - turma de alunos com a professora

Foto 45
Jardim de Infância Campos Salles
1910 – sem autoria
Fonte E/ CREP

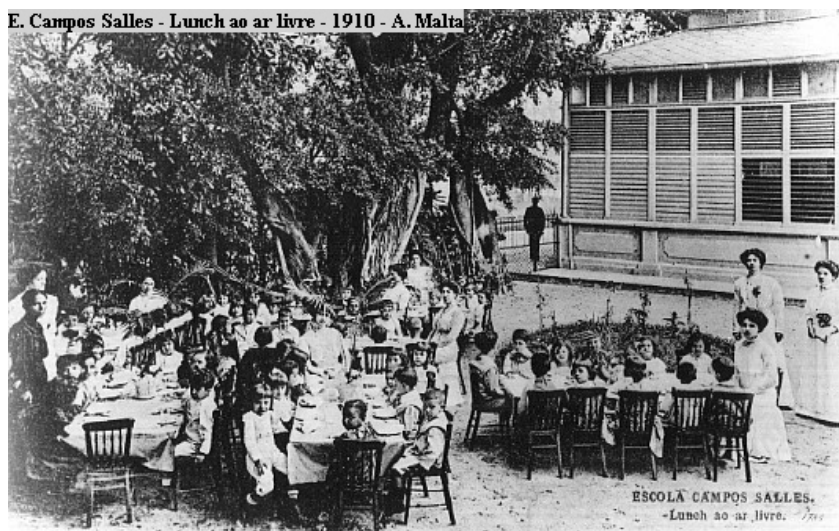


Foto 46

Jardim de Infância Campos Salles – Lunch ao ar livre

1910 – Augusto Malta

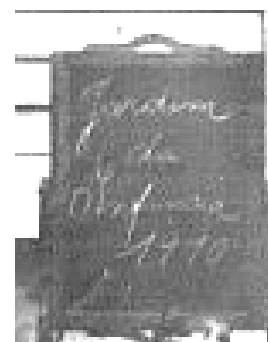
Fonte F/ CREP

Características das fotos

Na primeira foto (de 1910) vê-se uma turma de alunos com professoras do Jardim de Infância Campos Salles – Campo de Santana, no Centro do Rio de Janeiro, na parte externa da escola. Ao lado da professora da esquerda do espectador, em um cavalete há uma lousa com a inscrição “Jardim da Infância – 1910. A data da foto escrita na lousa parece ser tradição, visto que em outras fotos esta também este lá, registrando o ano.

É possível contar 26 alunos; as crianças aparentam ter entre 04 e 05 anos de idade, organizadas em 03 fileiras: na primeira fila as crianças estão sentadas em cadeirinhas; na segunda, em pé no chão; e na terceira, estão sobre cadeiras ou bancos. Elas não usam uniformes; usam roupas comuns. É uma foto posada e todos estão sérios e olhando diretamente para a câmera; mesmo na foto do jardim, não se percebe sorrisos, porém algumas crianças estão de costa para a câmera.

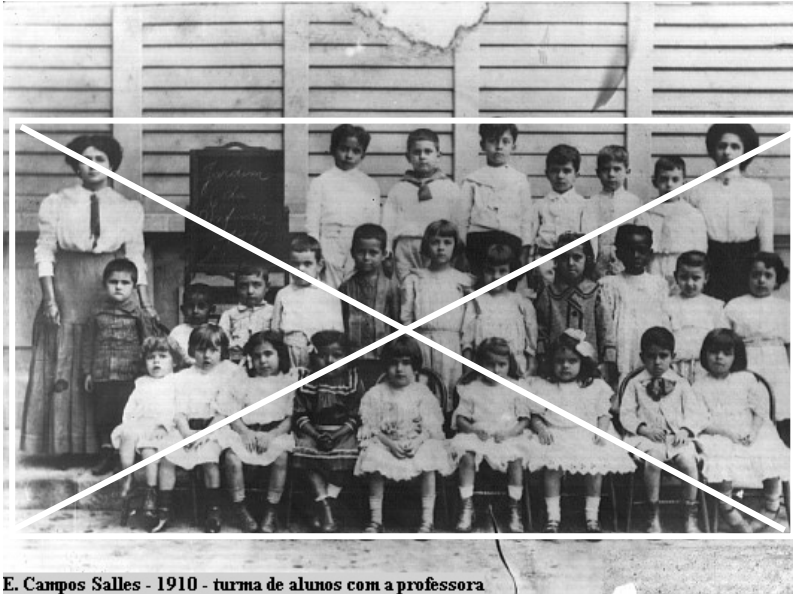
Na foto das crianças no jardim (também de 1910) podemos ver cinco mesas com 11 crianças em cada uma, e a presença de 08 professoras: 05 delas sentadas à mesa com as crianças e 03 em pé, junto às árvores do fundo. Apenas uma professora traça um vestido de cor escura; as outras estão de vestidos de cores claras. Entretanto, todas vestem vestidos de mangas compridas e gola alta. A foto tem como cenário o jardim da escola.



Detalhe da foto 45



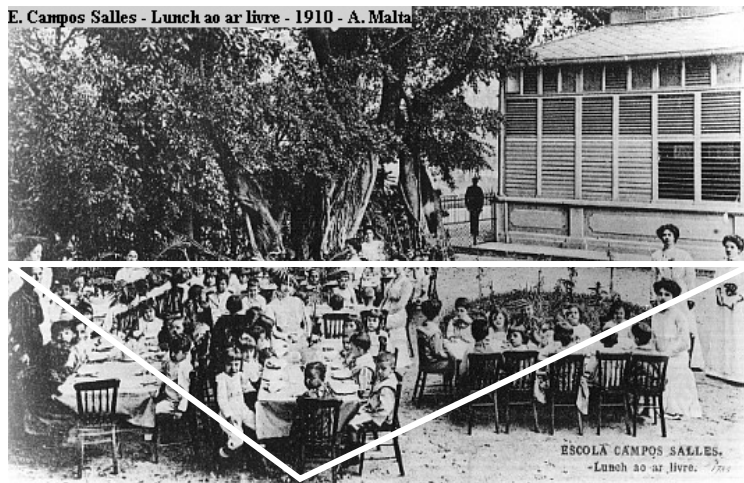
Detalhe da foto 46



E. Campos Salles - 1910 - turma de alunos com a professora

Na foto da turma, a leitura vai ao encontro do fundo; em primeiro plano encontra-se a turma; no segundo plano, o fundo da escola. As diagonais principais da foto coincidem com as cabeças das professoras. O objeto central são as crianças e as professoras, que se destacam em primeiro plano; as duas professoras limitam as laterais da foto. Fica à mostra a intenção do fotógrafo de não detalhar o entorno, apenas as crianças e as professoras.

Na foto da parte externa do JI Campos Salles pode-se alinhar um triângulo invertido, cujo vértice encontra-se na cabecinha de um menino de costas para o espectador. Essa mesa parece “furar” a moldura da foto, ultrapassando seus limites, criando a ilusão de participação para o espectador. Os outros vértices do triângulo são as professoras do lado esquerdo e uma mesinha com as crianças do lado direito.



Há pelo menos dois planos na foto: o primeiro plano com as pessoas, e o segundo no fundo, com a paisagem. A posição do triângulo invertido, segundo Ostrower (1998), dá a indicação de instabilidade, agregando à foto elementos expressivos que remetem à ilusão de movimentação.

Análise iconológica

Conforme já foi apontado anteriormente em fotos da mesma época não há uniforme, o que era comum visto que o uso deste não era ainda obrigatório nas escolas públicas, e as crianças freqüentavam as aulas com trajes comuns, mas pelo que posso observar, estão vestidas para “tirar o foto”, o que já pedia maior apuro. As meninas com vestidos de cores claras e mangas curtas; alguns vestidos de mangas $\frac{3}{4}$ e sapatinho tipo boneca e botinha de cano curto com meias; nos cabelos curtos, laçarotes conforme a moda. Os meninos usam blusas de mangas compridas, bermudas, calças curtas, com sapatos abotinados. As professoras, como as anteriores mostradas em épocas semelhantes, vestem saias compridas e blusas de mangas longas e golas compridas, indicando recato no trajar. Os cabelos presos em coque também são um indicativo de decoro e pudor, além de ser moda.

O uso de roupas comuns, sem ser uniforme era usual nas escolas republicanas nos estados brasileiros. A julgar pelos trajes e aparência das crianças, a escola Campos Salles atendia às classes de melhor condição da sociedade, certamente não as de classe A, que iam para os colégios confessionais como, por exemplo, o Colégio Sacre-Coeur de Jesus, fundado em 1909 na rua da Glória ou então o Colégio Sion, fundado em outubro de 1888 no Rio de Janeiro, transferindo-se, em seguida, para Petrópolis e retornando em 1908 para o Rio de Janeiro e se estabeleceram à rua São Salvador.¹¹⁵ Lembro que os meninos de classe A iam para colégios como o Colégio Santo Inácio, realizado de um sonho antigo, iniciado no Rio de Janeiro em 1567, com o antigo Colégio dos Jesuítas, no Morro do Castelo. Foi aberto em 1903, na rua São Clemente com o nome de Externato Santo Inácio, ou o Colégio São Bento que tem hoje 150 anos.

Por que digo que é uma moda de um segmento mais apurado da sociedade, ainda não a classe A e B? O raciocínio procede por, pelo menos, duas razões: a primeira, a quase totalidade das crianças na foto é de tez branca – somente uma



Detalhe foto 45

¹¹⁵ O Colégio começou com dez alunas, mas em 1912, o prédio do bairro do Flamengo já era insuficiente para acomodar o número crescente de estudantes. Em novembro de 1925, a superiora do Rio, M. M. Loys, transferiu a sede do externato para o Cosme Velho, onde permanece até hoje. O Colégio, que já contava com muitas alunas, ganhou, então, novo impulso. Iniciou-se o sistema dos bondes especiais que traziam e levavam as alunas, bem como o regime de semi-internato, das 8h às 17h.

menina é negra; tendo em vista que a população negra no Centro do Rio de Janeiro era bastante numerosa e sem condições financeiras, apenas uma criança negra dentre 26 na turma é um número bastante pequeno para a representatividade desse contingente. A segunda razão para complementar esse pensar é que as crianças das classes menos favorecidas trabalhavam desde pequenas, quando não exercendo tarefas domésticas, em postos de trabalho mais simples, tais como moleques de recado, costureiras, engraxates e outras tarefas pouco, mas remuneradas para ajudar no sustento familiar (Murilo de Carvalho, 1987).

Com o Decreto 52, desde 1887, estava prevista a construção de Jardins de Infância para o atendimento de crianças pequenas. O Jardim de Infância Campos Salles foi o primeiro da municipalidade, inaugurado em 1909, representando um marco para o então incipiente sistema escolar público do Distrito Federal. Essa indicação foi reforçada com a Reforma Leôncio de Carvalho que vigiu entre 1878 e 1879. Este documento apoiava-se nos Pareceres de Rui Barbosa, a ele encomendados pelo Império nos anos de 1882 e 1883.

Os Pareceres já recomendavam que as professoras freqüentassem uma “Escola Normal especial para o magistério dos jardins de infância, com dois anos de curso” (Moacyr, 1941, p. 9). Assim, reconhecia-se a especificidade da lida com crianças pequenas à mulher, conforme já falado neste trabalho. Esse ponto era claramente citado no texto da reforma, quando definia o que e quais eram os objetivos da Escola Normal: “a Escola Normal é um estabelecimento de ensino profissional; tem por fim dar aos candidatos à carreira do magistério a educação intelectual, moral e prática necessária e suficiente para o bem desempenho dos deveres de professor, **regenerando progressivamente a escola pública do ensino primário [...]**” (Moacyr, 1941, p. 79; grifos meus).

À reforma citada, seguiu-se a Reforma Benjamin Constant, que reforçou alguns pontos da lei anterior, entre esses, o da preparação dos candidatos ao magistério, inclusive com a contratação de professoras adjuntas, que teriam como função, na falta de professores primários, substituir os catedráticos, podendo ainda, “na falta de professores primários, ser incumbidos da regência interina de cadeiras vagas percebendo neste caso os vencimentos de catedrático” (Moacyr, 1941, p. 45).

A prescrição talvez explique o fato de que há duas professoras com a turma dos pequenos balizando o grupo, o que, simbolicamente, poderia estar, dentro de uma meta linguagem, representando os pilares da construção da nação.

As “escolas para pequenos” inspiravam-se nas idéias pedagógicas de Fröebel, que propunha em meados do século



Foto 45
Jardim de Infância
Campos Salles 1910

XIX uma escola específica para crianças até os oito anos de idade. As idéias de Fröebel viriam mais tarde a se configurar no “paradigma botânico da educação”, ou seja, o autor entendia ser a criança uma sementinha a qual, devidamente cuidada, cresceria sadia e viçosa.

As professoras, dentro dessa perspectiva, seriam as “jardineiras”, posto que iriam cuidar das sementes devidamente plantadas no jardim – de infância. A pedagogia fröebeliana está intrincada com a fundamentação das Ciências Sociais, principalmente a Psicologia, que adverte sobre a especificidade e a importância da infância para o desenvolvimento saudável da criança (Monarcha, 1989).

O movimento da identificação de um “sentimento de infância” vinha sendo gestado desde finais do século XVII. A pedagogia de Fröebel, à época, era considerada de vanguarda e não parece ter sido “por nada” que, justo o Distrito Federal, capital do país, tenha inaugurado esse tipo de escola, visto ser um centro irradiador de cultura e valores. Ademais, sob as prescrições do método ativo anunciado pela Escola Nova,

toda escola urbana devia estar situada em ambiente de campo, nos arredores da cidade, por exemplo, entre árvores e prados, campos d cultura, jardins, riachos e lagoas, animais domésticos e flores. Esses aspectos da vida campezina (sic), despertam a atenção da criança, excitam-lhe a curiosidade, levam-na à ação e ao movimento e, em suma, vitalizam o ensino e trazem para a escola a satisfação e a alegria (Aguayo, 1956, p. 62).

A construção do Jardim de Infância Campos Salles faz parte do projeto civilizatório da cidade: é dessa hora, tendo como pano de fundo as idéias do pedagogo, as idéias de que a educação para a civilização, tão apregoada e concretizada no coração da cidade com o Bota-abaiixo iniciado por Pereira Passos, começa com a criança. E a escola é o melhor lugar para que a educação para a civilização e a moral comece, visto as famílias serem consideradas parte de uma cultura “velha e atrasada”, com hábitos descompassados com a proposição dos novos tempos republicanos. É pelas crianças que se pretende atingir os adultos e, a médio prazo, o ideal de ordem e progresso será plenamente alcançado.

Repare-se o mobiliário, outro traço da distinção entre a infância e a adultez. Com a infância sendo afirmada como uma fase específica da formação humana, há de se pensar nas adequações necessárias para que esta criança se desenvolva plenamente, sem vícios nem doenças. Dessa forma, fazendo parte dessa trama, sob parâmetros higienistas e morais, o mobiliário, além de todo material didático destinado à infância, havia de ser criado especificamente para essa faixa etária. A foto deixa entrever, na primeira fileira de crianças,



Detalhes da foto 46



que elas estão sentadas em cadeirinhas pequenas, onde não lhe falta, nem lhe sobra espaço.

Com um olhar mais apurado, as mesas estão postas com pratos, copos, talheres, guardanapos para o *lunch*¹¹⁶ - a legenda da foto traz escrito "*lunch* ao ar livre". O processo civilizatório, tal qual descreve Elias (1994) passa de maneira marcante pelos hábitos à mesa. Daí a escola, como a grande casa da civilidade trabalhar também esses hábitos com as crianças, principalmente em se tratando do jardim de infância, onde era premente a preparação das boas sementes.



Detalhe da foto 46

No detalhe da foto, a seta indica a mesa posta com pratos, talheres, copos e guardanapos para o *lunch* (na legenda) da Campos Salles.

A foto está mostrando também a modernidade do projeto com a co-educação, meninos e meninas estudando juntos na mesma classe, fugindo do modelo das escolas femininas e masculinas, bastante comuns à época. O conjunto da foto foi organizado para atestar a preocupação iniciante da época com a infância e, mostrar a modernidade do Jardim de Infância Campos Salles, do Distrito Federal em 1910, um ano após sua inauguração.

¹¹⁶ A palavra *lunch* em inglês significa almoço, a qual aportuguesada tem o sentido de merenda, pequena refeição. Resta a dúvida; os alunos da Campos Salles iam merendar ou almoçar? Pela maneira como a mesa está posta, parece mesmo um almoço. A merenda nas escolas públicas vai tomar força com Carneiro Leão.

JARDIM DE INFÂNCIA MARECHAL HERMES



Foto 47
Jardim de Infância Marechal Hermes
Década de 1910 - Augusto Malta
Fonte E/ CREP

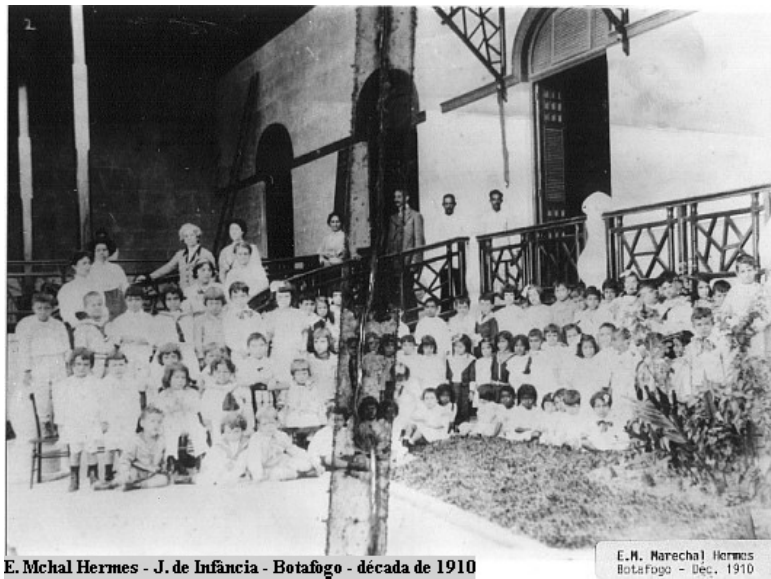


Foto 48
Jardim de Infância Marechal Hermes – Entrada da escola
Década de 1910 - sem autoria
Fonte E/ CREP

Características da fotos

As fotos são em p&b, da década de 1910, segundo registro do E/ CREP. A foto da esquerda tem como autor Augusto Malta; a da direita não tem autoria declarada, mas provavelmente é também de Malta.

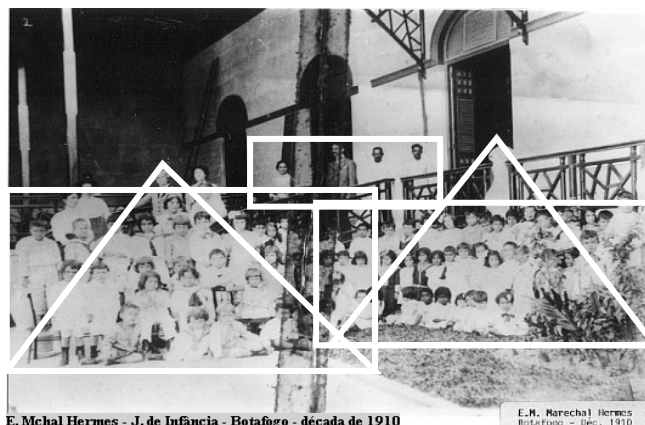
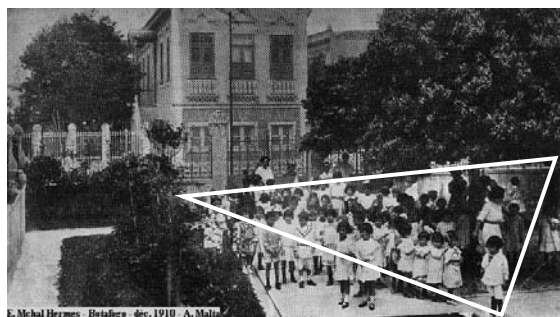
Ambas as fotos são da mesa escola e retratam turmas de crianças pequenas, visto ser a escola um jardim de infância. A foto da esquerda tem aproximadamente 50 crianças e a da direita, 70. A presença das professoras é notada em ambas as fotos entre as crianças, sendo que na foto da direita, as professoras estão mais agrupadas.

Parece ser a intenção do fotógrafo mostrar a parte externa da escola, registrando as crianças de maneira mais livre. Contudo, não há sorrisos em seus rostinhos, o que denotando o que já apontamos acima, que a técnica fotográfica ainda não era instantânea.

Nas duas fotos as crianças não usam uniforme e trajam roupas de cores claras. As professoras, conforme já apontado anteriormente, vestem-se com recato e rigor.

Na foto a seguir, em cima à esquerda do espectador, a arrumação para do grupo fotografada insere-se dentro de um triângulo, tendo como um dos vértices proeminentes uma criança que está na “ponta” da foto. O triângulo invertido causa a sensação de dinamismo, provavelmente o que quis dizer o autor da foto, em se levando em conta a (des) arrumação do grupo, provocando a idéia de instantaneidade da cena.

A foto da direita tem como fundo o prédio da escola e o grupo fotografado está proporcionalmente dividido no jardim de entrada, provavelmente. Os grupos inserem-se em retângulos e triângulos que se equivalem, trazendo um equilíbrio e sensação de estabilidade ao olhar. Há entre os dois grandes retângulos um menor onde se enquadram as outras pessoas da foto, reforçando a sensação de equilíbrio e organização.



Análise iconológica

A Enseada de Botafogo já fazia parte da cartografia da cidade desde sua ocupação nos idos de 1568, com a representação dos morros do Pão-de-Açúcar e Cara de Cão (Cardoso *et alii*, 1983). *Como um polvo que estende seus tentáculos* (id., ib., p. 21), o Rio de Janeiro foi expandindo-se em direção às regiões dos fortes e engenhos que circundavam o núcleo central da cidade. Assim, nos caminhos, foram-se consolidando os bairros, dentre estes, o de Botafogo.

Nos séculos XVIII e XIX tornou-se, por suas belezas naturais e proximidade do centro da cidade, bairro da sociedade nobre, com mansões e palacetes, alguns que podem ser vistos até hoje. Com o aumento da população, no início do século XIX há o estabelecimento de colégios, clínicas, e um pequeno comércio. O Jardim de Infância Marechal Hermes foi inaugurado em 1915, no Bairro de Botafogo, atestando a modernidade e formalizando o projeto republicano de expansão escolar.

O JI Marechal Hermes inovou, trazendo em sua construção resoluções arquitetônicas especialmente pensadas para o atendimento de crianças: os vidros das janelas eram menores, para não quebrarem-se facilmente, os peitoris das janelas mais baixos, e uma rampa de acesso ao prédio, evitando as escadas. A rampa era uma novidade nas construções.

O movimento dos Jardins de Infância vinha sendo gestado desde meados do século XIX com Froebel. Conforme aponta Kuhlmann Jr (1998), a implantação dos jardins de infância carregava um movimento de efetivação e publicização das faculdades maternas da mulheres, dando a ver suas qualidades que, de outro modo, ficariam restritas à esfera do lar. Assim, as *jardineiras* seriam fundamentais à educação infantil.

O Rio de Janeiro, conforme já atestado nessa tese, por sua modernidade e distinção no cenário nacional, inaugurou em 1899 o Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI). Essa instituição promoveu vários encontros e congressos para a discussão da infância. Segundo Kuhlmann Jr (1998, p. 85-86), o IPAI dividia os seus serviços em puericultura intra-uterina, cuidando e orientando o pré-natal, e extra-uterina, pelo qual fazia o acompanhamento médico das mães e recém nascidos.

Esse fato comprova a vanguarda da capital, que se organiza e funda 03 jardins de infância públicos: em 1909 o JI Campos Salles, no Centro; em 1910 o JI Marechal Hermes, em Botafogo; e o JI Bárbara Otoni em 1922, na Tijuca.



Foto 49

Prédio do Jardim de Infância Marechal Hermes
Provavelmente década de 1910 – sem autoria



Foto 50
Jardim de Infância Bárbara Otoni¹¹⁷
Sem data – sem autoria

Nas fotos do JI Marechal Hermes o que é bastante significativo é o fato das crianças terem sido fotografadas ao ar livre, preceito altamente recomendado pelos princípios eugênicos e higiênicos, que preconizavam que “o educador deveria reunir a “observação dum médico’ com a ‘perspicácia de um psicólogo’. Ao lado da saúde física, a mental” (Kulhmann Jr, 2002, p. 475; aspas no original).

É interessante perceber no detalhe da foto que, de fato, as professoras parecem observar, deixar livre para conduzir. Por entre as árvores e sobre a rampa, a professora-jardineira zela pela infância, sendo “a observadora, não a mestra” (id., 2002, p. 479). Assim deveria comportar-se a “sacerdotisa da eugenia” (Kulhmannn Jr, 2002, p. 481), celebrando o projeto de civilização.



Detalhe da foto 48



Detalhe da foto 47

¹¹⁷ Foto disponível em:

http://www.rio.rj.gov.br/sme/crep/escolas/escolas_1a_republica/escolas_1a_republica.htm. Acesso em: 20 mar. 2008.

A prescrição de atividades pedagógicas que fossem realizadas ao ar livre já vinha sendo recomendada desde a Reforma Benjamin Constant que se vigorou de 1890 a 1892. Nesse documento constava que nas escolas onde não houvesse espaço disponível para a prática de exercícios e atividades ao ar livre sem jardins, que seus dirigentes oficiassem os terrenos devolutos que porventura fossem próximos à escola e que as crianças, “sobre a direção de seus mestres, pudessem ali entregar-se a jogos infantis e exercícios ao ar livre.”. (Moacyr, 1941, p. 68). Essa seria fundamentalmente a diferença entre a *velha* e a nova escola republicana.

No ideário dos novos métodos pedagógicos, entre estes a *Escola Ativa*, fazia-se necessário exercitar os sentidos de forma conveniente para a aprendizagem da ordem e do amor à pátria. Assim, realizar festas era também uma maneira de cultivar essas virtudes desde a mais tenra idade, como nos jardins de infância.

O JI Marechal Hermes realizava festas em várias datas, com a presença do fotógrafo para registrar os momentos, como na comemoração da festa junina (provavelmente década de 1910; sem autoria).

No ideário republicano “a escola foi espaço privilegiado de difusão da história oficial, isto é, o uso da memória seletiva e da criação de mitos e, dessa maneira, ajudou a cristalizar e reforçar o nascente sentimento nacional (Müller, 1999, p. 40).

Nessa busca, as festas, por ativarem componentes estéticos da ordem do sensível, são instrumentos pedagógicos por excelência, mobilizando os pequenos e também os adultos, trazendo variados estímulos aos sentidos.



Foto 51
Festa Junina no
Jardim de Infância
Mal Hermes
Década de 1910



Foto 52
JI Marechal Hermes
Encerramento do ano letivo de
1915 - sem autoria

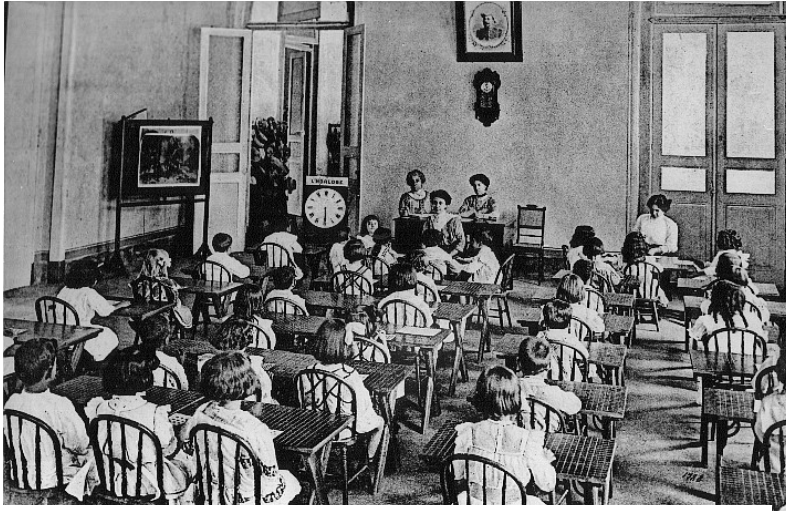


Foto 53
Jardim de Infância Marechal Hermes – Sala de aula
1910 – Augusto Malta
Fonte E/ CREP

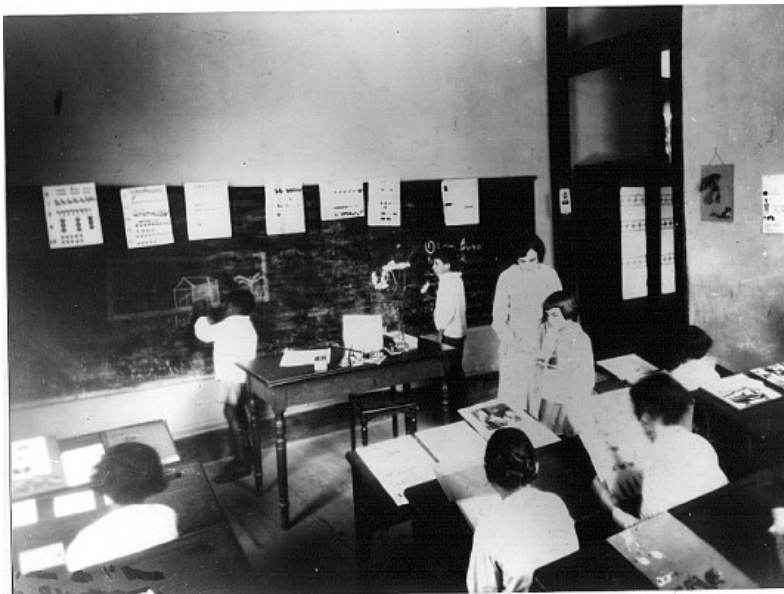


Foto 54
Sem identificação
Década de 1920 - Augusto Malta
Fonte E/ CREP

A sala de aula do Jardim de Infância Marechal Hermes era também preparada para a recepção das crianças pequenas. Desde 1890, com a promulgação da Reforma Benjamin Constant, o método intuitivo, com as lições de coisas, era indicado como o melhor método pedagógico, e deveria ser posto em prática nas escolas, desde o jardim de infância (Moacyr, 1941).

Em 1875 já tinha sido fundado o primeiro jardim de infância privado do país, no Colégio Menezes Viera, na cidade do Rio de Janeiro. De orientação fröbeliana, suas salas de aulas continham o instrumental didático-pedagógico mais recentemente divulgado nas exposições pedagógicas universais. Consta desse material¹¹⁸

trabalhos de trançado, dobrado, picado, desenho fröbeliano, papel quadriculado, aquarela, [...] livros e edições do Dr Menezes Vieira, mobília, material de ensino, quadros, mapas, estampas, aparelhos etc (Kulhmann Jr, 2001, p. 15).

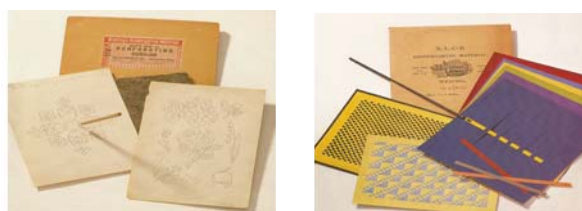
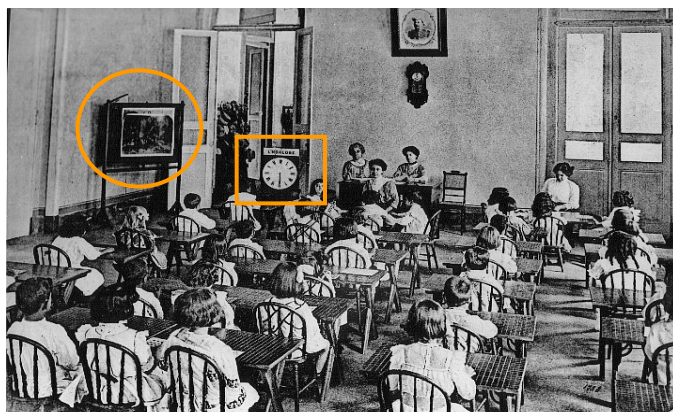


Figura 23
Material fröbeliano
Caderno de desenhos
e papel para trançar

Uma sala de aula organizada de acordo com as prescrições do método intuitivo deveria ter, conforme a citação acima, imagens, gravuras, mapas e objetos que suscitassem a curiosidade das crianças e ativassem os sentidos, porta de entrada das informações que seriam transformadas em conhecimento.

Nota-se na sala de aula do JI Marechal Hermes um mural com gravura e um relógio, com grandes ponteiros e a palavra escrita em francês, material didático consoante à matriz intuitiva.



¹¹⁸ As fotos do material de Fröbel encontram-se no site <http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.theiff.org/images/Kindergarten/kindy01.jpg&imgrefurl=http://www.theiff.org/oexhibits/kin dy02.html&h=573&w=466&sz=306&hl=ptBR&start=41&tbnid=aVg8Oy dz6pWZhM:&tbnh=134&tbnw=109&prev=/images%3Fq%3Dkindergart en%2B19%2Bcentury%2Bfroebel%26start%3D40%26gbv%3D2%26nds p%3D20%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN>. Acesso em: 20 mar. 2008.

O tempo é uma preocupação constante da escola no século XIX: ordena a infância em várias etapas, otimizando o horário escolar e dividindo-o em atividades, disciplinas, entrada e saída. A divisão do tempo na escola em períodos adveio da discussão médica, iniciada em meados do século XIX sobre a fadiga mental e as necessidades fisiológicas. Reafirmam-se, no bojo dessa discussão, pelo menos dois princípios: um o da intercalação de períodos de trabalho e descanso – atividade e recreio; o outro, o pressuposto de que algumas disciplinas exigiam um maior emprego da energia mental, devendo ser aplicadas logo no início do período de aulas (Souza, 1998). Assim, não parece estranho o relógio posto à vista para que as crianças aprendessem o tempo, a espera, a vez de cada coisa.

Também na parede ao fundo destaca-se o quadro com o retrato do Marechal Hermes, figura patriótica brasileira, Presidente do Brasil em 1910, que dá nome ao Jardim de Infância.



Foto 55

Marechal Hermes da Fonseca



Detalhe da foto 53

Mesmo com pouca nitidez no detalhe da foto, pode-se perceber a forte semelhança do quadro da sala de aula com a foto original do Marechal¹¹⁹. No currículo das escolas republicanas, “a instrução moral e cívica *não terá curso distinto*, mas ocupará **constantemente e no mais alto grau a atenção dos professores**” (Moacyr, 1941, p. 43; *itálico no original; grifos meus*). Assim é explicável - e recomendável -, a foto do Marechal supervisionando os trabalhos escolares, velando pela ordem escolar do futuro da nação.

Além do material de atividades, como já dito anteriormente, a preocupação com a adaptação do mobiliário à especificidade do corpo infantil era uma preocupação constante nas escolas de pequenos.

¹¹⁹ Foto disponível em:

<<http://www.historianet.com.br/imagens/2004091508.jpg>>. Acesso 20 mar 2008.

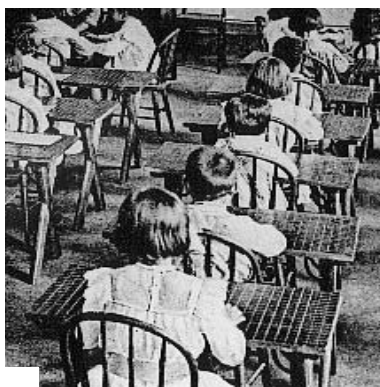


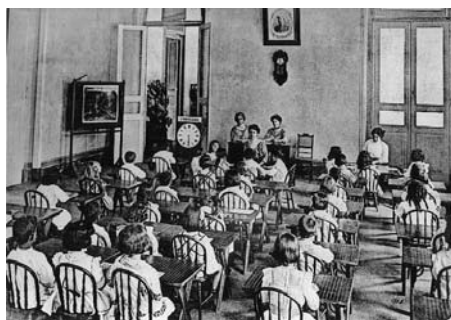
Figura 24

Do livro *Kindergarten Occupation for the Family* - 1880

Detalhe da foto 53

Na foto esse aspecto é bastante visível nas mesas e cadeiras nas quais se encontram as crianças. Note-se também que o tampo das mesinhas da sala do JI Marechal Hermes é quadriculado, dentro da orientação da pedagogia de Fröebel¹²⁰.

Atestando, mais uma vez, a modernidade do projeto republicano, as orientações para uma pedagogia do jardim de infância já vinham sendo discutidas nas Exposições Universais desde 1884 e sendo postas em prática em vários países do mundo.



O que salta aos olhos é a fidelidade na execução do projeto, observando-se novamente o mobiliário da Marechal Hermes em 1915 (à esquerda) e de uma escola em Cuba em 1910¹²¹.

¹²⁰ Idem à nota anterior.

¹²¹ Foto disponível em:

<<http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.theiff.org/images/Kindergarten/kindy01.jpg&imgrefurl=http://www.theiff.org/oexhibits/kindy02.html&h=573&w=466&sz=306&hl=ptBR&start=41&tbnid=aVg8Oydz6pWZhM:&tbnh=134&tbnw=109&prev=/images%3Fq%3Dkindergarten%2B19%2Bcentury%2Bfroebel%26start%3D40%26gbv%3D2%26ndsp%3D20%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN>> Acesso em: 20 mar 2008.
Legenda original: Kindergarten classroom in Cuba with Milton Bradley tables, c. 1910.

Ao fundo da sala quatro professoras: duas professoras observando as outras duas sentadas mais abaixo e com um pequeno grupo de crianças.



Detalhe da foto 53

Elas parecem estar simulando um atendimento mais individualizado às crianças, com algum material sobre as mesinhas. As outras duas professoras, mais acima, parecem observar as atividades, dando a entender que estão, de alguma forma, avaliando ou supervisionando o trabalho das outras professoras. Nessa época a supervisão vinda do sistema central de ensino era uma norma estabelecida em tempos anteriores.

As crianças estão de costas para o espectador e as professoras nos olham do fundo da classe, parecendo demarcar com o olhar as fronteiras de um território no qual elas são as mandatárias, as posseiras, as *jardineiras*. O que chama a atenção é a imobilidade das crianças, como que congeladas com a produção para a foto oficial.

Ao se comparar a foto da sala de aula do Jardim de Infância Marechal Hermes em 1910 com a sala de aula da Escola ao lado, da década de 1920, as mudanças são claras, tanto no espaço quanto na postura das crianças e da professora; contudo, algumas permanências estão lá.



Nas duas fotos as crianças encontram-se de costas para os espectadores, mas na foto da sala de aula da década de 1920 há um dinamismo nessa classe, o que contrasta com a imobilidade das crianças do Jardim. As crianças da foto à direita parecem tomar o espaço da sala de aula, interagindo

com o material disponível e mostrado na foto: pranchas com desenhos, o próprio quadro, no qual os meninos desenhavam. E, aparentemente, com o consentimento da professora que dá atenção a uma menina.

Em relação às professoras, há apenas uma professora na foto de 1920. O que explica o grupo de quatro professoras, ou pelo menos duas por classe, é que havia uma prescrição legal desde a Reforma Benjamin Constant de que houvesse duas professoras nas classes de jardim de infância, conforme já dito e apontado pelas fotos anteriormente.

Os artefatos didáticos estão presentes em ambas as salas; porém, na sala da foto de 1920 as crianças manipulam o material, diferentemente da foto do jardim. Ainda, a presença do quadro-negro domina a cena, mostrando a “liberdade” de uma escola moderna, com dois alunos escrevendo no quadro.



Detalhe da foto 54

Sinto na foto da década de 1920 uma possível intenção de divulgar a *nova tecnologia* educacional, a utilização do quadro-negro de giz, ampliação para uso coletivo da antiga lousa em ardósia, de uso individual, entre o final do século XVII e início do século XVIII (Hilsdorf, 2006). Provocando uma revolução no ensino simultâneo, havia uma crença de que o quadro negro tiraria a autoridade dos professores nos trabalhos de sala de aula.

Entretanto, o quadro potencializou o alcance das lições, aumentando o raio de ação dos professores, que ensinavam a mais alunos, simultaneamente.



Detalhe da foto 54



Figura 25
Pintura de Norman Rockwell

O uso do quadro-negro passa a fazer parte do aparato escolar, ultrapassando fronteiras. A figura ao lado é uma pintura de Norman Rockwell¹²² (1894-1978), pintor-cronista americano que registra em suas obras o cotidiano estadunidense nas primeiras sete décadas do século XX.

Tanto quanto estabelecer as diferenças, é também importante sinalizar as permanências. Em ambas as fotos as professoras estão em cena, marcando o território da sala de aula como um templo do saber cujas chaves encontram-se nos seus bolsos e cujas ações são alicerces na construção da nação.

ESCOLA DEODORO



Foto 56

Turma 12 - 1911 - sem autoria

Fonte: acervo pessoal Aparecida Mamede

¹²² Disponível em:

<http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.planetaeducacao.com.br/novo/imagens/artigos/historia/arte_historia_02.jpg&imgrefurl=http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp%3Fartigo%3D194&h=190&w=500&sz=21&hl=ptBR&start=3&um=1&tbnid=kAyyGzNq0jffSM:&tbnh=49&tbnw=130&prev=/images%3Fq%3Dpinturas%2Bde%2Bnorman%26gbv%3D2%26um%3D1%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DG>.

Acesso 20 mar. 2008.

Características da foto

Foto em preto e branco/ sépia, posada na parte externa da escola, escrito na lousa 1911 – n.12. É uma turma de 23 alunas com as professoras, com crianças que parecem ter entre 08 e 10 anos de idade, junto com meninas maiores, aparentando já serem adolescentes, ou que pode ser apenas uma classe de várias idades, ou alunas de várias classes. As alunas não usam uniformes; usam roupas comuns. Na esquerda da foto, há uma mulher negra que não parece ser aluna, pois é adulta – professora de outra classe? Auxiliar? Inspetora de Disciplina?

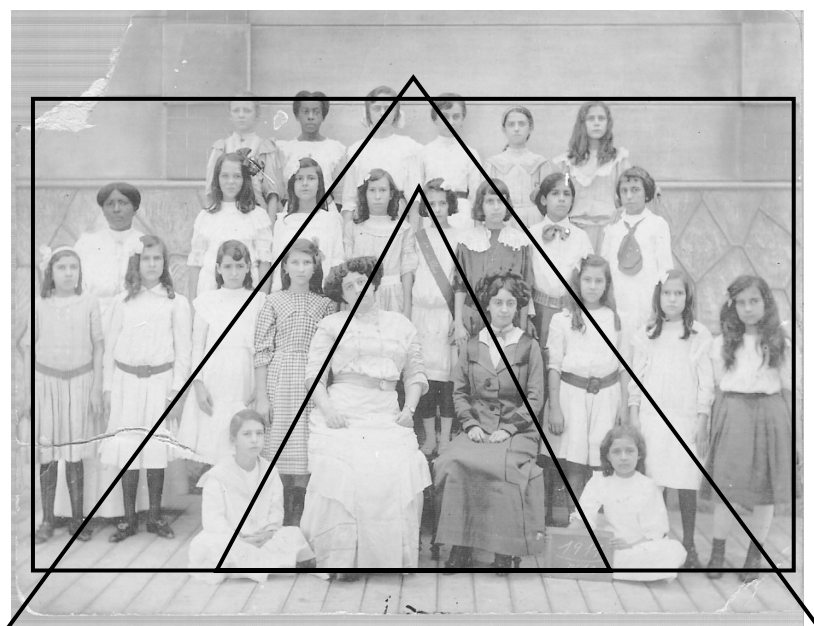
Há uma menina na segunda fileira que usa uma faixa cruzada sobre o peito escrito “1ª da Classe”. Nem as crianças nem as professoras sorriem – todos estão sérios e olhando diretamente para a câmera, ousando considerar que são pelas mesmas razões já apontadas em outras fotos. A professora da direita do espectador olha para o chão. Não há a intenção do fotógrafo de mostrar o entorno, apenas as crianças e as professoras, pois o olhar do espectador converge para o centro da fotografia com as duas professoras, sem o detalhamento do local. O grupo está enquadrado em um triângulo cuja base é formada pelas crianças sentadas no chão, em primeiro plano.



Detalhe da foto 56



Detalhe da foto 56



A sensação visual de ascensão provocada pela arrumação das meninas enquadradas pelo triângulo é quebrada pela horizontalidade do grupo, trazendo ao espectador a idéia de uma base assentada firmemente, o que permite um certo controle e estabilidade ao olhar a foto. Há ainda um triângulo menor que insere as professoras e seu vértice superior é a menina que usa a faixa de primeira da classe, levando o olhar do espectador a ela.

Análise iconológica

A Escola Deodoro da Fonseca foi inaugurada em 1908, 16º aniversário da morte de seu patrono, primeiro Presidente da República do Brasil, como uma das “Escolas-modelo” do Distrito Federal. A escola tem sua arquitetura semelhante a mais sete escolas-modelo construídas aproximadamente na mesma ocasião, a saber: Escola da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Gávea (hoje Escola Municipal Luiz Delfino), Escola da Freguesia de Nossa Senhora da Glória (hoje Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, no Largo do Machado), Escola da Freguesia de Santa Rita (hoje Centro Cultural José Bonifácio, na Gamboa), Escola da Freguesia de Sant'Anna (hoje Escola Municipal Rivadávia Corrêa, no Centro), Escola da Freguesia de São Francisco Xavier do Engenho Velho (hoje Escola Municipal Orsina da Fonseca, na Tijuca), Escola da Freguesia de São José (demolida), Escola de São Cristóvão (hoje Escola Municipal Gonçalves Dias, em São Cristóvão)¹²³.

Esse fato demonstra a orquestração do projeto republicano de modernização dos prédios escolares. Dentro dos cânones estéticos e prescrições médico-higienistas da época, o prédio da escola, em estilo eclético, com elementos neoclássicos, é amplo e imponente, marcando a paisagem.



Foto 57
Prédio da Escola Deodoro¹²⁴ - sem data; sem autoria

¹²³ Informações disponíveis em:

<http://www.rio.rj.gov.br/sme/crep/escolas/escolas_imperador/escolas_imperador.htm>. Acesso 20 jan 2008.

¹²⁴ Foto disponível em:

<http://www.rio.rj.gov.br/sme/crep/escolas/escolas_tombadas/escolas_tombadas.htm>. Acesso em 20 jan 2008.

A construção é considerada bastante arrojada para a época, constando de contêm salas de aula, gabinetes e “toilletes” no seu interior, além de um elevador. Os edifícios escolares eram planejados com amplas janelas, pé direito alto, espaços arejados, tudo como prescrevia a normatização médico-higienista que imperava.

A orientação para a construção de prédios adequados aos trabalhos escolares já vinha sendo preconizada desde a 1890 em documentos oficiais que declaravam caber ao governo as providências para que estes fossem erguidos “de acordo com os mais severos preceitos da higiene escolar [...]” (Moacyr, 1941, p. 45).

Caminhando ao lado das medidas arquitetônicas, a preparação e qualificação das professoras já vinha sendo articulada desde 1890, com citações em relatórios oficiais da Instrução Pública do Distrito Federal, o qual expunha

a hesitação de uma boa parte do professorado ante as exigências da reforma que levantou o nível do ensino primário (1890)¹²⁵. [...] Apesar de tudo, o início da execução da reforma deu frutos animadores e constitue (sic) garantia de grande melhoramentos futuros, se a campanha for prosseguida com mão firme e prudente, a assídua colaboração dos inspetores escolares e por fim o zelo dos professores conseguiram (sic) vencer os embaraços. É certo que ainda há desanimados no meio do magistério público. Confio que isso desaparecerá com o tempo ante o entusiasmo comunicativo de tantos outros professores que não duvidam preparar-se para o magistério [...]. (Moacyr, 1941, p. 231; grifos no original).

Vê-se, pelo trecho citado acima, que a Inspeção Pública contava também com o orgulho profissional das próprias professoras para arregimentar as colegas para qualificarem-se no magistério, centrando esforços na construção da profissão docente como digna de respeito. Os republicanos conclamam e insistem no espírito corporativo da profissão para o êxito da empresa.

A Escola Deodoro foi erguida (onde até hoje se encontra, tombada pela municipalidade) na Avenida Beira Mar, via de acesso aos bairros da Zona Sul da cidade, não por acaso, obra que o Prefeito Souza Aguiar (1906-1909) continuava em sua gestão, com a modernização do centro da cidade iniciada por Pereira Passos (1902-1906). Foi plantada exatamente na passagem, como para estabelecer um marco – ver e ser vista –, um templo do saber e da ascensão da civilização.

A foto retrata um grupo de meninas, o que pode levar a pelo menos duas hipóteses: ou a escola era feminina, apenas, ou de educação mista, em espaços contíguos, mas no

¹²⁵ Reforma Benjamin Constant (1890 a 1892).

mesmo prédio, o que era muito comum. Os prédios eram construídos com simetria e entradas separadas para meninos e meninas (Marcílio, 2005).

Há duas mulheres sentadas no centro da foto, nelas concentrando-se as outras pessoas; foram colocadas no centro para que se destacassem das alunas, pois, afinal, eram as professoras. Simbolicamente, em uma construção física - o prédio-, e não física – os valores morais -, onde os preceitos de civilização são ensinados e consolidados pelas professoras; não parece estranho que estas estejam no centro de uma foto escolar, pois são as maestrinas dessa orquestração republicana, conforme vimos discutindo.

Quanto ao que vestem, a blusa da professora da esquerda do espectador tem gola alta de renda; ela usa cinto marcando a cintura alta da saia, o que era a moda nos idos de 1910 como já apontei anteriormente. Sua indumentária, incluindo os acessórios, denotam cuidado e elegância no vestir, parecendo um traje mais elaborado para esse dia. Ela usa um relógio de pulso mostrando, com o seu uso, que a professora já havia incorporado essa possibilidade de ser controladora de um tempo a ela confiado. Se assim o for, temos o fato de que, por ser ainda pouco popular, o relógio de pulso, inventado em fins do século XIX, não se encontrava popularizado, sendo seu custo, alto. Esse ponto pode trazer uma outra perspectiva, de que a professora em questão era, de fato, a diretora do colégio¹²⁶.

Souza (1998, p. 81) ampara essa afirmação quando cita que, entre as competências do Diretor atribuídas pela legislação, estava obrigação de “fiscalizar todas as classes



Detalhe da foto 56

126Comenta-se que foi Santos Dumont quem inventou os *relógios de pulso*. Durante um vôo, estando com as mãos ocupadas, ele tinha dificuldade de tirar seu relógio do bolso. Mas, o relógio de pulso na verdade foi inventado pela empresa Patek Philippe no fim do século XIX, embora seja costume atribuir, equivocadamente a Santos Dumont os louros da invenção desta modalidade de relógio. A Princesa Isabel, então exilada na França, deu a ele uma medalha de São João Batista. Preocupado que o uso da medalha no pescoço pudesse machucá-lo, colocou-a no pulso. Então teve a idéia de amarrar um relógio no pulso para controlar melhor seus tempos de vôo. Santos Dumont encomendou então a seu amigo joalheiro, Louis Cartier, um relógio que ficasse preso ao pulso, para que ele pudesse cronometrar melhor suas experiências aéreas. Em março de 1904, Cartier apresentou a ele o que é considerado erroneamente o primeiro relógio de pulso do mundo, batizado de Santos, com pulseira de couro. Entretanto, relógios de pulso já eram conhecidos e usados anteriormente. O que acontecia é que eram adereços essencialmente femininos e geralmente feitos sob encomenda. Na verdade, a Santos Dumont coube a popularização do relógio de pulso entre os homens. A Primeira Guerra Mundial foi o marco definitivo no uso do *relógio de pulso*, já que os soldados precisavam de um jeito prático de saber as horas. Disponível em: <<http://guiadicas.blogbrasil.com.br/a-historia-do-relogio-de-pulso>>.

Acesso em: 20 mar de 2008

durante o funcionamento das aulas, elaborar horários, [...] organizar folha de pagamento e diário de ponto [...]”, dentre outras tarefas. Desse modo, o relógio era, de fato, uma importante ferramenta no cotidiano escolar.

Havia uma prescrição legal, desde 1890, de que as escolas do 1º grau para o sexo feminino – aquelas com o curso elementar (para alunos de 7 a 9 anos), o curso médio (para os de 9 a 11 anos) e superior (para os de 11 e 13 anos) –, só poderiam ser dirigidas por professoras em todos os seus cursos. (Moacyr, 1941, p. 43). Levando-se em conta que na foto só há alunas e que seus rostinhos condizem com as idades previstas nos cursos, é bem provável que seja mesmo, a mulher à esquerda do espectador a Diretora da Escola Deodoro.

O que pode reforçar essa suposição é que os grupos escolares, ou escolas-modelos como foram chamados no Rio de Janeiro (Camara e Barros, 2006), Distrito Federal, tinham uma hierarquia funcional estabelecida por princípios de racionalização. Essa racionalização previa a entrada e a saída dos alunos, a hora das aulas, os lugares e horários apropriados para cada atividade – um lugar para cada coisa, e cada coisa em seu lugar. Ademais, para o cargo de Diretora Geral eram indicadas pessoas de mais idade, supondo-se uma experiência maior. Não muito atentamente, percebe-se que a professora/ diretora tem mais idade que a moça sentada à direita do espectador.



Detalhe da foto 56

A professora que usa um costume de cor escura, como se fosse um paletó de botões, com saia do mesmo tecido; por baixo do paletó, uma blusa de cor clara e de gola alta, com uma fitinha. Esse “terninho feminino” foi bastante usado pelas mulheres que viviam nas cidades, numa demonstração da praticidade e da modernidade dos costumes urbanos.



Figura 26
Trajes femininos
Sem data, sem autoria



Detalhe da foto 56

O *tailleur*¹²⁷, também chamado de costume, tem inspiração na moda masculina dos ternos. Geralmente os *tailleurs* eram confeccionados em tecidos escuros, de modelos simples, sendo, à época, a roupa ideal para o cotidiano da mulher citadina e que trabalhava fora, como no caso das professoras. De acordo com Souza (1987), a entrada da mulher no mundo masculino da profissionalização custou-lhe, em alguns casos, a masculinização de suas roupas, o que é visível na inspiração do costume usado pela professora. Além disso, como atesta Nacif (2000), a roupa de uso diário era bastante simples, sem muitos ornamentos. É o que se observa em ambas as professoras que se vestem comedidamente e bem comportadas, bastante asseadas.

Nos pés da professora de *tailleur*, sapatos fechados, tipo abotinado, de cor escura. Segundo Nacif (2000, p. 280),

nas décadas de 1910, 20 e 30 os sapatos eram feitos de couro escuro e lustroso. Os modelos tinham sola de borracha ou de couro, abotoamento lateral, com botões de massa ou cobertos com couro, ou eram, ainda, fechados por meio de cadarços encerados. O modelo de cadarço na frente e forma abotinada era chamado de borzeguim.

¹²⁷ Figura disponível em <<http://paulabeh.blogspot.com/2007/03/la-belle-poque.html>>. Acesso em 20 jan 2008.



Figura 27
Sapato feminino
Moda em 1914 - Tipos de
borzeguim



Detalhe da foto 56

Seus cabelos estão presos com bandos laterais, sendo que os da professora de costume escuro, tem um penteado elaborado, meio trançado, fugindo ambas do tradicional coque, mas ainda assim, preso.

Não há sorrisos na foto; esse fato provavelmente se deve ao tempo de arrumação e exposição para a foto ser batida, pois a técnica fotográfica da época, ao que já se disse, ainda não permitia os instantâneos. A professora mais nova olha para o chão, com um olhar meio vago.

As alunas usam vestidos e a maioria delas está com laçarotes nos cabelos.



Detalhe da foto 56



Detalhe da foto 56

Entretanto, as meninas da última fileira, que parecem ter mais idade que as da frente, não usam laços; apenas uma parece usá-lo na parte de trás dos cabelos presos.



Detalhe da foto 56

Chama também a atenção uma mulher negra em pé na parte esquerda do espectador. Ela não parece ser professora, visto que não ocupa o centro da foto como as outras duas que estão sentadas, mas ela devia exercer alguma função de destaque no funcionamento da escola, haja vista estar ali retratado no documento visual.



Será a inspetora de disciplina da Deodoro, a pessoa encarregada de fiscalizar os atos fora das condutas exemplares? Qual o seu cargo e função na ordem escolar? A foto não nos fala. Ela apenas nos fita.

ESCOLA DEODORO



Foto 58

Turma 14 - Sem data

Aproximadamente 1911 - Sem autoria

Fonte: acervo pessoal Aparecida Mamede

Características da foto

Foto em preto e branco/ sépia na parte externa da escola com parede ao fundo, retratando uma turma de 13 crianças que parecem ter entre 08 e 10 anos de idade, junto com meninas maiores, aparentando ser adolescentes entre 14 e 16 anos, com professoras. Sentada no chão na frente da professora à esquerda do espectador, há uma criança segurando uma lousa na qual lê-se “Escola Deodoro”.

As meninas estão organizadas em 02 fileiras; na primeira fila cinco crianças sentadas no chão na frente das professoras; na segunda fileira, meninas maiores e as professoras, sentadas; e na terceira, as mocinhas maiores, em pé. As professoras estão sentadas em cadeiras, com uma criança de cada lado, em cadeiras; e quatro meninas menores sentadas no chão.

A foto tem como centro as professoras e a menina sentada no chão segurando a lousa. Parece não haver a intenção do fotógrafo de mostrar o entorno, apenas as crianças e as professoras.

A foto é posada e bem nítida, permitindo ver os detalhes; nem as crianças nem as professoras sorriem – todos estão sérios e olhando diretamente para a câmera. Tem enquadramento no sentido horizontal, com planos ascendentes e sucessivos: em primeiro plano o grupo; ao fundo o corredor do colégio.

O arranjo do grupo foi organizado em um retângulo e dentro dele um triângulo maior (marcado em preto), passando pelas professoras, e um menor (marcado em vermelho), invertido, cujo vértice é a menina sentada no chão com a lousa., inserindo as professoras a menina com a faixa.



Detalhe da foto 58



O enquadramento horizontal, conforme dito anteriormente, traz a sensação de estabilidade à figura. Completado com a tomada em primeiro plano, o arranjo se

organiza no sentido de não haver dubiedade no que está retratado ao olhar do espectador.

Análise iconológica

Como nas fotos anteriores são raros os sorrisos, pois a fotografia não era um registro rápido; nem muito corriqueiro. Se atentarmos para as roupas das alunas professoras, percebe-se um rigor, um apuro para o ‘dia da foto’. As escolas públicas das capitais em seu início não eram freqüentadas pelas camadas pobres. Ao contrário, as classes médias é que mandavam seus filhos e filhas a essa escola, o que talvez explique a elegância e o cuidado nas roupas das meninas (Lonza, 2005).

A mulher que se supõe ser a diretora, na foto anterior, me parece olhar sem vibração (ou seria cansada?) para a câmera. O que torna mais forte esse indício é o fato dela aparecer na mesma escola, porém com professoras e alunas de classes diferentes. Na segunda foto, seu olhar é direto, com autoridade: seria essa a maneira característica dela olhar a lente?

Nesse ponto, Barthes (1980, p. 11) é esclarecedor e faz pensar com a exclamação: “Vejo os olhos que viram o Imperador”. O que não é de todo falso, pensando-se também no contexto do Rio de Janeiro, recém destituída capital do Império.



Detalhe da foto 58

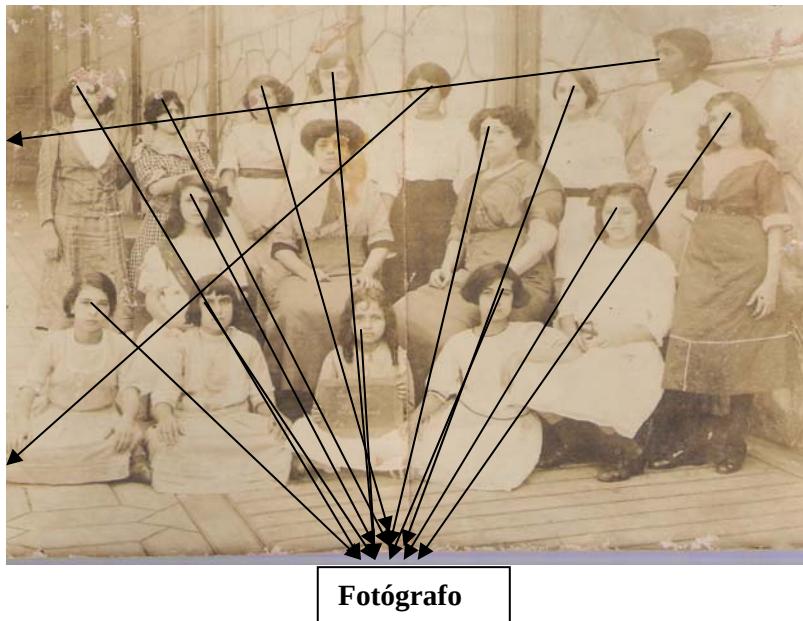


Detalhe da foto 56



Detalhe da foto 58

Quase todos os olhares do grupo vão numa mesma direção, porém há alguns espalhados e vagos, o que também pode ser um forte denotativo de que a chapa demorava para ser batida.



A “primeira da classe” usa faixa distintiva e está ao lado direito da professora. Há uma passagem bíblica que fala sobre aqueles que se “sentarão ao lado direito do Pai”, sendo estes merecedores das graças divinas. Coincidência (ou não), a aluna com a faixa distintiva senta-se à direita da professora, figura central do processo educativo e outorgante dos graus e merecimentos dos méritos dos alunos – simbolicamente, graças divinas?



Detalhe da foto 58

Como nas fotografias anteriores, as roupas das professoras seguem a moda dos anos 1910-1920, visto serem as saias de ambas de cintura alta e compridas até os tornozelos, o que era a moda nessas décadas (Nacif, 2000). Os cabelos também presos em bandôs são expressões de uma época que, como já dissemos, o recato era esperado da mulher e, mais ainda, da professora.

A mulher negra da foto anterior está novamente nesta foto. Ela encontra-se encostada na parede do lado direito do espectador; seu olhar vai em direção contrária à da câmera, me trazendo a impressão de estar fora do vínculo que une os elementos da foto. Ela parece não se importar com o evento, e nem mesmo olha para a câmera, bastando sua presença ser registrada.



Detalhe da foto 58



Algumas meninas que estavam na foto anterior aparecem nesta também, parecendo que foram chamadas a compor a foto. Muito interessante é a expressão da menina atrás da Primeira da Classe. Ela tem os braços cruzados e um olhar enviesado, desafiando o espectador com um meio sorriso.



Detalhe da foto 58

ESCOLA OLAVO BILAC



Foto 59

Escola Olavo Bilac - 16-07-1919

Sem autoria

Fonte: acervo Aparecida Mamede

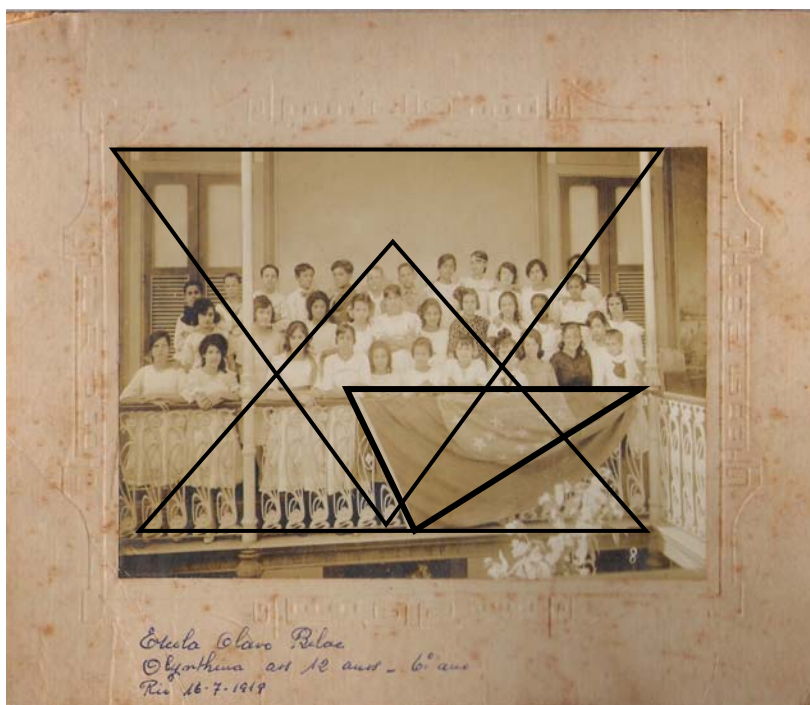
Características da foto

Fotografia em p&b/sépia, com uma turma de 34 alunas e alunos na parte externa do prédio da escola, no corredor externo de entrada para as salas. Os jovens estão organizados em três fileiras, com os meninos na última; os da segunda e terceira fileira estão em pé sobre um banco ou coisa semelhante. As crianças não usam uniformes; usam roupas comuns; na maioria, estão sérias e olhando diretamente para a câmera, porém em alguns rostos, há um leve sorriso. Há apenas uma menina negra (à direita da foto na segunda fileira).

A primeira fila forma a base de um triângulo, cujo ápice encontra-se no encontro da parede com o teto.

O sentido da foto é horizontal, em planos ascendentes e sucessivos. Em primeiro plano a bandeira, em segundo, o grupo e ao fundo, o corredor do colégio. O grupo principal está emoldurado por dois pilares do prédio, levando o olhar do espectador para a bandeira estrategicamente estendida na balaustrada, estilo *art nouveau*. A ponta da bandeira, em relação ao grupo enquadrado pelas colunas, forma um

triângulo invertido, cujos vértices superiores encontram-se nas portas atrás do grupo.



A foto é nítida e permite que sejam vistos os detalhes, como no canto direito acima, a pessoa que se mexeu na hora da foto. Na moldura da foto está escrita a data e “Escola Olavo Bilac, Olynthina aos 12 anos – 6º ano”.

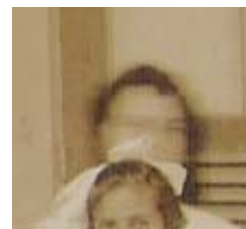
Análise iconológica

Deve ter sido, como era comum acontecer à época, um dia marcado para foto, pois as roupas dos jovens estão asseadas e os cabelos penteados, além da bandeira estar estendida sobre a grade. O grupo está enquadrado na foto pelas colunas de ferro que sustentam o telhado e pelas portas altas, fechadas, do que são provavelmente as salas de aula, comprovando a intenção do fotógrafo em registrar as pessoas, e nem tanto o espaço.

Segundo Perrot (2007, p. 54), os arabescos característicos da *art nouveau* encontram eco nos cabelos das mulheres, sendo uma arte languidamente feminina:

o *art nouveau*, cheio de volutas, faz dos cabelos das mulheres um de seus motivos principais, uma forma familiar; um elemento essencial da decoração das cidades (fachadas de imóveis, estações de metrô) e dos interiores.

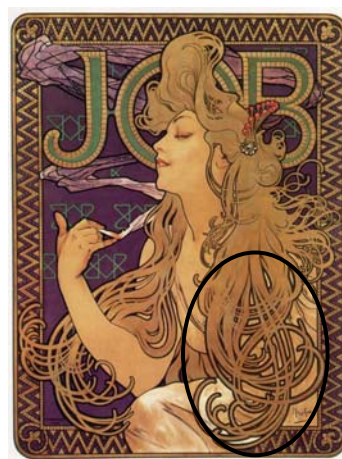
Repare-se na semelhança das volutas dos cabelos e das grades.



Detalhe da foto 59



Detalhe da foto 59

Figura 28
Art Nouveau

A Escola Olavo Bilac, em 1919 apresenta uma inovação – a co-educação -, colocando na mesma escola, talvez aqui, na mesma classe, meninos e meninas estudando juntos. Esse fato pode não causar surpresa, visto ser uma escola da capital brasileira, moderna no sentido de vanguarda do termo. Assim, não era de se surpreender que o Distrito Federal pusesse em prática a orientação dos escolanovistas, que indicavam esse sistema.



Detalhe da foto 59

Aparentemente, pelos rostos infanto-juvenis não há professoras presentes na foto. Contudo, a bandeira brasileira está simbolicamente estendida, sendo, nesse momento, o símbolo da pátria mãe a venerar. Se pensarmos no projeto de civilidade que as escolas deveriam colocar em prática conforme o preconizado pelos republicanos, fica possível entender que a própria bandeira estendida é a lição, com sua inscrição de “ordem e progresso”.

A criança pequena, a única desse tamanho na foto, segura a ponta da bandeira, simbolicamente representando o futuro da jovem nação e a nação é “branca”: no grupo de 34 alunos de uma escola pública de uma cidade com um enorme contingente de negros, há apenas uma jovem negra (atrás da moça de vestido escuro) (Dávila, 2006).

Como já dissemos, pelo menos até meados dos anos 1920, as escolas públicas não eram maciçamente freqüentadas pelas camadas pobres da população. Ao contrário, as camadas mais favorecidas é que eram seus alunos (Lonza, 2005). Esse fato fica bastante visível quando se observa a menina ao lado da coluna da esquerda do espectador, usando um relógio de pulso, como já disse, artigo de luxo, sendo acessível apenas àqueles de mais posses.

Note-se ainda, que a bandeira que representava o Brasil era diferente da de hoje nos detalhes da faixa na qual há a inscrição, no número e na disposição das estrelas no globo.



Detalhes da foto 59



Detalhe da foto 59

A foto tem um cunho pedagógico, mesmo que esta possa não ter sido a intenção do fotógrafo. Contudo, o fato de um grupo de escolares ser fotografado tendo a bandeira nacional como moldura parece ser bastante significativo e emblemático de uma época.

ESCOLA PRUDENTE DE MORAES



Foto 60

Escola Prudente de Moraes

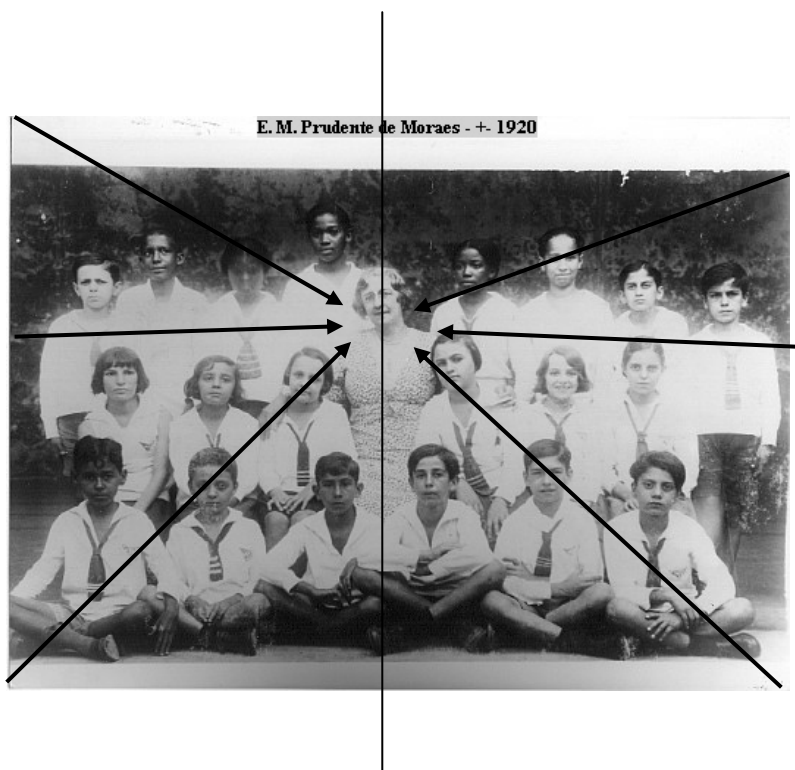
Turma com a diretora - Década de 1920; sem autoria;

Fonte: E/CREP

Características da foto

Esta é mais uma foto posada para a posteridade, uma turma de alunas e alunos com a professora/ diretora, na parte externa do prédio da escola, com arbustos ao fundo. As crianças aparentam ter 10 a 12 anos e estão organizadas em 03 fileiras. A professora/ diretora está sentada no meio das crianças; o grupo olha diretamente para a câmera e há alguns sorrisos.

O sentido da foto é horizontal, pelo qual o olhar do espectador é levado ao centro da foto, na figura da professora/ diretora, até pela simetria e o arranjo da composição, em dois planos: as pessoas e o fundo. O fotógrafo teve o cuidado de colocar o mesmo número de crianças da cada lado e a professora/ diretora no meio do grupo para equilibrar a composição. Essa mesma professora/ diretora está em várias outras fotos da mesma escola.



Eixo de simetria

Análise iconológica

Há o mesmo número de meninas e meninos, mostrando um equilíbrio na formação da turma. A mudança mais visível da composição é em relação ao uniforme escolar. Até a década anterior (temos uma foto de 1919 acima na qual os alunos não usam uniformes), não se vê a presença do uniforme nas escolas públicas. O uniforme torna-se uma identificação, uma identidade de aluno. Além disso, o sentido coletivo, no ideário republicano, tinha de sobrepujar o indivíduo.

A mudança trazida pelo ideal de igualdade democrático torna-se uma bandeira da República, um dos impulsos na construção do sistema educacional, aliado à idéia marcante de civilidade e ordem para o progresso. Assim sendo, havia também a necessidade de deixar essa igualdade às claras, para que não houvesse dúvidas que todos eram, igualmente cidadãos. Ademais, um país que a apenas um ano antes da Proclamação da República extinguiu a escravidão (em 1888), mais ainda parecia necessário esse “testemunho” social.

Entram na cena escolar, para ficar, os uniformes como uma das visibilidades programadas para atestar essa igualdade, além de se mostrar como um meio de controle da população escolar. Porém, estes não eram obrigatórios antes da República¹²⁸.

¹²⁸ Lonza (2005, p. 41) ao apresenta uma data determinada do uso obrigatório do uniforme, dizendo apenas que “a história dos uniformes escolares no Brasil começa com a República e foi inspirada no modelo dos militares do exército”.



Foto 61
Escola Prudente de Moraes
4ª série - Década de 1930 – sem autoria

Conforme afirma Lonza (2005), o uniforme cria uma identidade. Assim como a vestimenta da professora foi-se configurando com a decência e a modéstia “necessárias” a sua lida, mas seguindo os tempos históricos, moldando-se aos tempos de guerra, simplificando para dar espaço às condições de ir trabalhar, os uniformes escolares também foram ocupando o lugar de distinção, de composição na figura do aluno. Ao longe, por ser sinal de distinção e pertencimento, já se distinguia o colégio do qual a criança ou o jovem “eram”.

Seja na gravatinha usada indiscriminadamente por meninos e meninas, com as divisas indicando as séries nas quais estudavam – 5ª série, cinco divisas –, ou nas divisas nos punhos do tradicional modelo das normalistas – o azul e branco cantado em verso e prosa e permanecendo igual por muitas décadas –, a referência estava lá, visível e constatável ao olhar imediato.



Foto 62
Instituto de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ
Turma de 1954 – sem autoria

O uso da gravata aparenta ter sido tirado do traje marinho, moda muito popular nos idos dos finais de século XIX e primeiras décadas do século XX para as crianças e até mesmo os quase adolescentes (Nacif, 2000). A ponta da gravata trazia as divisas correspondentes à série do aluno.

Na foto da Prudente de Moraes, três divisas, correspondendo, portanto, à 3ª série da escola primária. Contudo, o uniforme ainda não era tão uniforme assim, havendo variações em sua confecção. Os uniformes não eram confeccionados em larga escala para comercialização em lojas. Os diretores comunicavam aos pais o modelo usado e estes compravam e confeccionavam as peças.

Nesse sentido, note-se sobre esse aspecto a gravata do segundo menino sentado à esquerda do espectador – as divisas são mais espaçadas; também a terceira menina da última fileira, à esquerda do espectador – sua gravata mais se assemelha a um lenço, além das divisas também serem bem espaçadas.



A organização racionalizante dos grupos escolares tinha sido disseminada nas escolas elementares como o modelo escolar a ser seguido, com classes graduadas e ensino simultâneo. No Rio de Janeiro, os grupos escolares não foram implementados como em São Paulo, por exemplo, porém, sua metodologia e organização foram postas em prática nas escolas públicas da municipalidade (Camara e Barros, 2006). Essas escolas, conforme dito anteriormente, eram escolas-modelo, devendo servir de espelho ao país, visto estarem localizadas na capital da República, centro do poder político e administrativo.

A necessidade de ordenamento que perpassa todo o período primeiro-republicanista reflete-se na busca de uma uniformidade escolar, passando por aspectos visíveis, tais como o uso do uniforme, as práticas escolares, o mobiliário etc, visando uma mudança interna – a convivência civilizada, tendo como cenário a cidade remodelada. A presença de crianças negras demonstra uma maior democratização na escola pública. De fato, nos anos de 1920 o otimismo e o entusiasmo pela educação (Nagle, 2001) passam a ser preocupações e lutas públicas em todo o país.

As grandes reformas educacionais acontecem a partir desse período, sendo colocados em prática, aspectos que vinham sendo gestados desde a aurora da República. Junto à preocupação da instrução para a civilidade, a preocupação do preparo para o trabalho. Assim, aprender o seu lugar na foto era aprender a hierarquia das posições a serem ocupadas na vida que os esperavam.

A presença da autoridade, professora ou diretora entre as crianças parece ser uma das constantes da Escola Nova que estariam sendo postas em prática nessa época nas escolas públicas do Rio de Janeiro.

Por duas razões, ousa dizer que a senhora da foto provavelmente é a diretora da Prudente de Moraes: a primeira porque ela aparece em outra foto com um grupo de



Detalhe da foto 60

professoras mais novas; outra forte razão é o fato de que as escolas eram dirigidas por mulheres de mais idade, pressupondo-se a experiência pelo fato da idade mais avançada. (Müller, 1999).

ESCOLA PRUDENTE DE MORAES

E. M. Prudente de Moraes - década de 1920



Foto 63

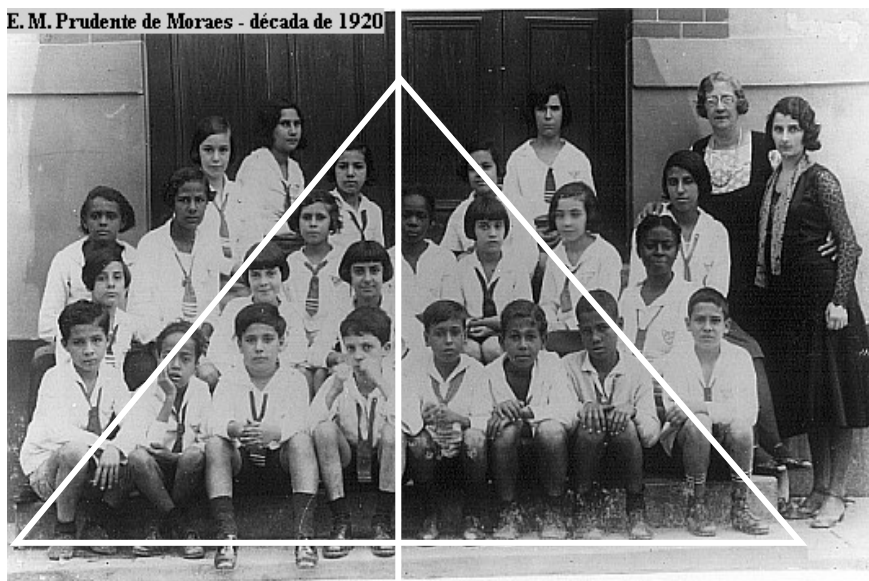
Professora e diretora - Década de 1920; sem autoria

Fonte: E/ CREP

Características da foto

É uma foto posada da década de 1920, de uma turma de 25 alunas e alunos não muito pequenos, aparentando seus 10 a 12 anos, com professora e a diretora. Estão organizadas em 03 fileiras, sentadas nos degraus da escada. As crianças já usam uniforme da escola pública: meninas de saia e blusa e meninos de calças curtas. As crianças e a professora olham diretamente para a câmera e há alguns sorrisos.

O sentido da foto é horizontal, na qual o olhar é levado ao centro da foto, logo sendo desviado para as duas mulheres em pé à direita do espectador. Há dois planos na foto: as pessoas e o fundo; a distribuição das pessoas está equilibrada, funcionando a abertura central da porta ao fundo como um eixo de simetria que parte a foto em dois lados rebatidos.



Eixo de simetria

Também a composição enquadra-se em um triângulo que tem seu vértice superior na entrada da porta, e seus outros vértices na ponta da escada e nos pés da professora. A mulher de mais idade ao seu lado é a mesma de outras fotos da mesma época da Prudente de Moraes, o que ratifica minha impressão de se tratar da diretora da época



Detalhes da foto 63

Análise iconológica

Mais uma vez, a presença do uniforme domina a cena. Não é a mesma turma da Prudente mostrada anteriormente. Essa turma tem mais crianças, porém é também da terceira série primária, haja vista as gravatinhas com as três divisas na ponta.

As duas mulheres à direita do espectador, quase com certeza são a Diretora – a mais idosa –, e a professora da classe, a mais nova. A maneira como a diretora a cinge pela cintura parece um gesto de acolhimento que sua posição poderia permitir, ao contrário da professora que permanece hirta, sem flexionar o corpo. A senhora olha diretamente para a câmera, como que sinalizando a confiança de quem sabe por onde caminha e o que faz.

As roupas de ambas as professoras demonstram decoro e elegância, cada uma a sua maneira. Na década de 1920, os vestidos e saias já não são mais tão compridos e deixam parte das pernas à mostra. Para a manutenção do decoro, visto que as pernas tornaram-se foco de atenção, faz-se imprescindível o uso das meias finas na composição do vestuário da professora.





Figura 29
1922 – sem autoria
Propaganda de meias finas¹²⁹

Segundo depoimento oral da Professora Orcelina Campos, falecida aos 94 anos, colhido por Aparecida Mamede (2008), havia uma imposição do uso de meias, sendo que algumas diretoras, com a autoridade que seu cargo lhes outorgava, tornavam esse uso uma obrigatoriedade. Não havia no Brasil fábrica de meias de seda, sendo, portanto, importadas; o que se achava era apenas as de fio de escócia, que eram grossas e feias e confeccionadas aqui. Por isso, a opção pelas meias de seda se faz. Por serem caras, eram bem cuidadas e consertadas pela figura que se tornaria muito popular, a chamada *cerzideira* que, de uma meia de fio corrido, puxavam-no à perfeição e assim a meia durava muito mais. Com a Segunda Guerra a importação se encerrou. Mesmo assim, a obrigação das professoras usarem meias vai perdurar. Foi quando surgiu um produto de pintar as pernas o qual as professoras usavam para disfarçar as pernas nuas e, assim, poderem passar no exame diário das diretoras¹³⁰.

Os sapatos também modificaram-se, ficando mais abertos, solicitando uma proteção maior para os pés. Observando-se a foto abaixo podemos reconhecer nesta peça o tipo de sapato usado pela professora da Prudente de Moraes, denotando sua elegância em estar “na moda”.

¹²⁹ Disponível em: <<http://www.vintageblues.com/history1.htm>>. Acesso em: 20 abr 2007.

¹³⁰ O produto continuou a ser fabricado pela fábrica de cosméticos Avon até meados da década de 1970.



Detalhe da foto 63



Foto 64
Sapato da década de 1920
Sem autoria

Sobre a foto analisada¹³¹, Nacif (2000, p.289) nos dá substrato para afirmar que a foto pode ser mesmo localizada na década de 1920:

na década de 1920, mais de 80% dos sapatos [femininos] eram de pulseira. Nessa mesma época, usavam-se também os sapatos com detalhes diversos e sapatos de ponta retangular. Na década de 1930, os sapatos com detalhes diversos atingem 60%, coexistindo com sapatos de pulseira que declinavam e com a ascensão dos sapatos de cadarço já no final da década.

Observando o detalhe dos pés das professoras, estão os sapatinhos visíveis no canto direito inferior da foto que não deixam dúvidas sobre o que fala a autora: são sapatos de pulseiras o que vemos. Contudo, os decotes ainda continuam fechados, resguardando o colo dos olhares mais atrevidos no uso diurno. Somente à noite¹³², os decotes eram permitidos para que se mostrassem as jóias e berloques.

Os cabelos curtos são uma tendência da moda dessa década. A altura do corte foi uma influência direta dos tempos de Primeira Guerra Mundial, na qual as mulheres também passaram a ser contingente de trabalho, não dispondo mais de tempo para cuidá-los. Por uma questão prática, os cabelos tiveram de ser cortados curtos e tornaram-se moda infanto-juvenil e adulta (Nacif, 2000).



Foto 65
Vestido para a noite
Década de 1920

¹³¹ Foto disponível em <http://www.vintageblues.com/history1.htm>. Acesso em: 20 jan 2008.

¹³² A foto do vestido ao lado tem a seguinte legenda: “vestido para a noite década de 1920, do acervo do Museu Histórico Nacional no Ro de Janeiro”. Disponível em: http://bp3.blogger.com/_G6AIKP4Qmw/RhMtB4G7sNI/AAAAAAAAAATQ/U7LvXtvdj9Y/s1600-h/museu07.mhnbrasa.jpg. Acesso em: 20 mar 2008.



Detalhes da foto 63

As crianças esboçam um ligeiro sorriso, o que mostra que a técnica fotográfica estava um pouco mais ligeira. Apesar de ser uma foto posada, já denota um pouco menos de rigidez na maneira da pose. Observe-se o segundo menino sentado no primeiro degrau, da esquerda para direita. Sua postura é mais solta que dos outros. Também o menino que se segue, na mesma fila, mostra os punhos para a câmera e assim ambos foram fotografados sem que o fotógrafo tivesse corrigido antes de bater ‘a chapa’.



Hipóteses bastante prováveis para explicar o porquê do registro ter sido feito desse modo são pelo menos duas; uma, é o fato da técnica fotográfica ser mais eficaz e rápida na época da foto; a outra razão é que a necessidade de mostrar uma escola hierarquizada, mais “infantil” preceitos da educação da época preconizada pelos ideais da Escola Nova, o que fez com que o fotógrafo “deixasse” a foto sair com ares de instantâneo, atestando a leveza dessa nova escola.

A escola tinha de se tornar agradável e, sobretudo, necessária para a população, criando a demanda para que o povo a procurasse, e assim fosse efetivado o projeto republicano de ordem e progresso, iniciado pelos positivistas brasileiros.

ESCOLA PRUDENTE DE MORAES



Foto 66

Pelotão de saúde - 11/09/1927 (na foto)

Augusto Malta

Fonte: E/ CREP

Características da foto

É uma turma de 15 alunos e 01 professora; os alunos aparentam ter entre 11 e 13 anos de idade; parece só haver meninas. O grupo está na parte externa do prédio da escola, em um jardim. As crianças estão organizadas em 01 fileira em pé, com posições alternadas e 04 crianças sentadas em um beiral; é uma foto posada e todos olham diretamente para a câmera. Por cima do que parece ser o uniforme, as crianças usam tipo um jaleco branco.

Em sentido horizontal, o olhar do espectador é levado para a cruz da saúde na flâmula segurada pelas meninas. A composição apresenta dois planos: as pessoas e o fundo. O grupo parece ter sido arrumado no sentido de realçar a flâmula.



Análise iconológica

A foto é bastante expressiva e mostra um grupo de alunas que formavam o “Pelotão de Saúde”. Carneiro Leão, Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal entre os anos 1922 e 1926 incentivou a prática de esportes e, pautando-se nos ideais eugênicos, promoveu ações de boa saúde, dentre essas a criação dos pelotões. O Pelotão de Saúde era formado por um grupo de alunos que contribuía com a limpeza e higiene da escola, bem como com orientações para os demais alunos (Machado e Silva, 2008).

O Rio de Janeiro já tinha visto em 1904 a idéia dos pelotões de saúde com a obrigatoriedade da vacinação. As consequências dessa medida desagüaram na Revolta da Vacina, insurreição do povo contra os preceitos médico-sanitários de Oswaldo Cruz, escolhido pelo então presidente Rodrigues Alves para colaborar com o plano urbano-sanitário da cidade do Rio de Janeiro, capitaneado pelo prefeito Pereira Passos.



Foto 67 - Revolta da Vacina¹³³
1904 - sem autoria

¹³³ Foto disponível em:

<http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.ccs.saude.gov.br/revolta/images/Bonde.jpg&imgrefurl=http://www.ccs.saude.gov.br/revolta/revolta.html&h=270&w=360&sz=24&hl=ptBR&start=2&tbnid=cjyD0bekTwnJM:&tbnh=91&tbnw=121&prev=/images%3Fq%3Drevolta%2Bda%2Bvacina%2Brio%2Bde%2Bjaneiro%26gbv%3D2%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DG>. Acesso em 20 fev 2008.

Extintos os conflitos, a confiança nas medidas preventivas de saúde vai entrando na vida cotidiana, inclusive nas escolas. Esta era, por certo, a maneira de se educar o povo nas questões de higiene, de cidadania: levar as idéias para os alunos. A professora na foto da Escola Prudente de Moraes não aparece à frente do grupo, mas atrás. Simbolicamente, ela pode ser vista como o amparo das iniciativas que o Pelotão realiza.

A idéia do protagonismo juvenil, hoje tão recomendado, já se fazia presente nessas ações, visto serem os alunos os agentes de saúde, inclusive vestidos a caráter, com jalecos brancos. As saias dos uniformes das meninas já são bem mais curtas, acima dos joelhos, porém as meias, numa tentativa de resguardar as pernas, são suspensas até embaixo dos mesmos. As alunas usam sapatos, o que também era um sinal de hábito salutar em uma cidade onde poucos usavam calçados, andando descalços e propensos a doenças.

Já se nota na foto alguns sorrisos, mostrando que a técnica fotográfica já consegue ser mais ligeira, mas ainda não são fotos instantâneas. Tendo em vista que essa é uma foto oficial, pois foi batida pelo fotógrafo da prefeitura, fica mais fácil entender que havia a necessidade de uma formalidade, posto que o registro ficaria nos arquivos da municipalidade com prova cabal de um sistema escolar que deu certo e que tinha que ser exibido como modelo a ser seguido.



Detalhe da foto 66



Foto 68
Escola Rosa da Fonseca – hora do recreio
Década de 1930
Sem autoria

Para uma rápida comparação entre a foto posada e a instantânea, a foto acima consegue estabelecer essa diferença. Observem-se as crianças em atividade e a maneira como elas

foram fotografadas, em plena brincadeira. A sensação de rapidez fica presente nos pés do menino que roda o brinquedo.

Em relação ao corte de cabelos, pode-se se dizer que todas apresentam o mesmo estilo de corte, bastante usado desde a década de 1920. Os cabelos também são tipicamente à moda das melindrosas, curtos e, algumas vezes, ondulados. Como já dissemos acima, a Primeira Guerra Mundial vai influenciar diretamente no corte dos cabelos femininos: “a guerra acelera o movimento. Para as comodidades do trabalho, enfermeiras, motoristas de ambulância, condutoras de onde, operárias das fábricas de munição, presentes em tantos cartões postais, se modernizam” (Perrot, 2007, p. 60).



Detalhe da foto 66

A participação da professora nos Pelotões de Saúde também poderia ter a pretensão de auto-formação. Carneiro Leão em sua empresa de promoção de saúde tinha grande preocupação com a saúde das professoras, visto ser muito comum a tuberculose entre a população (Mendonça, 1997). Desse modo, a máxima “educar pelo exemplo” poderia servir muito bem ao propósito de Diretor Geral da Instrução Pública, colocando a responsabilidade da promoção da saúde também entre as professoras. Mais uma vez, a escola e a professora tinham que dar o exemplo.

JARDIM DE INFÂNCIA MARECHAL HERMES e ESCOLA PRUDENTE DE MORAES



Foto 69

Jardim de Infância Marechal Hermes

Professoras – 1915 – sem autoria

Fonte E/ CREP



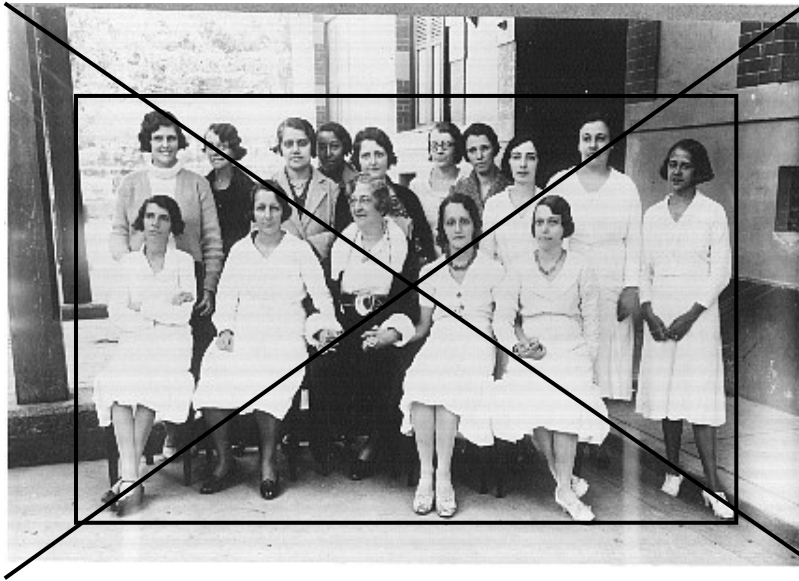
Foto 70
Escola Prudente de Moraes
Professoras - Década de 1920 – sem autoria
Fonte E/ CREP

Características das fotos

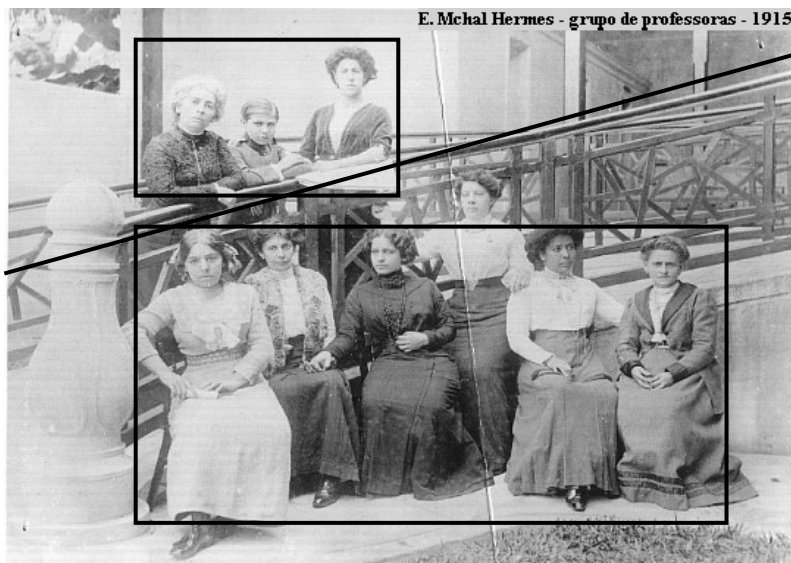
Trata-se de duas fotos em preto e branco, a primeira de 1915 e a segunda da década de 1920¹³⁴. É um grupo de formado por 8 e 15 professoras, respectivamente, na parte externa da escola. São fotos posadas; na foto da Escola Prudente de Moraes, da década de 1920 já há alguns ligeiros sorrisos, o que não acontece na foto de 1915; entretanto, algumas pessoas não olham diretamente para a câmera, tendo o olhar fora do foco do fotógrafo, o que é observado em ambas.

O sentido das fotos é horizontal em plano frontal, estando o grupo inserido no retângulo. A foto da Prudente que cortada por duas diagonais que têm como centro a figura da diretora da escola; senhora no centro da foto marca o encontro das diagonais que dividem a composição. Há cinco professoras sentadas e exatamente o dobro, dez, em pé, mantendo a harmonia na distribuição dos elementos da foto.

¹³⁴ É importante lembrar ao leitor, com dito anteriormente, que na tese trabalho com a data das fotos que me foram indicadas pelo material do E/ CREP. Fazendo uma ressalva, a despeito das discussões de quando começa e termina a década, pauto-me pelo corrente: a década começa em seu ano um e termina em seu ano 0.



Na foto da Marechal Hermes há uma linha diagonal que passa pelo grupo sentado, seguindo o corrimão da entrada, marcando a professora que está sentada em um lugar mais alto; há um menino de uniforme entre as duas mulheres em pé apoiadas no corrimão da rampa de acesso.



Em ambas as fotos, a maior parte das professoras têm uma aparência jovem; em contrapartida, a diretora da Prudente é uma mulher de mais idade, o que não foi possível divisar no grupo da Marechal Hermes¹³⁵. A intenção do fotógrafo foi retratar o grupo, não o entorno da escola.

¹³⁵ As escolas das fotos acima funcionam até hoje nos mesmos prédios, respectivamente na Tijuca (Prudente de Moraes) e em Botafogo (Marechal Hermes), à época, bairros considerados de classe média, o que me permitiu um paralelo entre elas.

As escolas das fotos acima funcionam até hoje nos mesmos prédios, respectivamente na Tijuca (Prudente de Moraes) e em Botafogo (Marechal Hermes), à época, bairros considerados de classe média, o que permite um paralelo entre elas.

Análise iconológica

Em ambas as fotos, mesmo com a distância de cinco anos de uma para a outra, é possível encontrar semelhanças. O fato de serem os grupos fotografados de professoras por si só é relevante, deixando entrever o que deveria ficar registrado para a posteridade. “Observar como um grupo social é representado pode nos indicar o quanto esse grupo exercita o poder [...], ou seja, as representações são construídas na dependência do poder e ‘têm efeitos de poder’” (Louro, 2002, p. 464-465; aspas no original). Dessa forma, fotografar um grupo de professoras demonstra de quem é o poder da escolha sobre o objeto a ser representado, porém não retira do objeto – o grupo de professoras – o efeito dessa representação, previstos ou imprevisíveis.



Se um dos efeitos supostamente controlados era normatizar uma conduta, uma das consequências imprevisíveis provavelmente foi apontar às mulheres que o acesso aos espaços públicos exercidos por uma profissão respeitada era possível a elas. Como assinala Chamon (2005) e eu inúmeras vezes já aponte, em uma época de pouquíssimas oportunidades de trabalho fora do âmbito doméstico, o magistério acaba apresentando-se como uma possibilidade de ingresso no espaço público pela escola, além de ser uma fonte de renda lícita e aceita socialmente, proporcionando à mulher sua independência financeira, ou, pelo menos, a diminuição da dependência pecuniária¹³⁶.

Uma nova escola demandava uma nova e sólida formação, o que ainda era falho no incipiente sistema escolar republicano. Além do investimento nas instalações escolares, as forças da administração escolar pública também haviam de centrarem-se na preparação das professoras em sua formação profissionalizante. Antes mesmo que a educação profissional das professoras saísse da periferia, como nos anos 1930, essa

¹³⁶ Corria à época pela voz corrente a expressão “marido de professora”, indicando a boa oportunidade de casamento para os homens que não gostavam muito de trabalhar e almejavam viver às expensas das professoras. Por esse ângulo havia medo em muitas famílias de que a mocinha professora viesse a não casar. Por outro lado, também tornava-se símbolo de distinção, visto ser a figura da professora alçada ao reconhecimento social. Era comum as pessoas dizerem que “sou de uma família de professoras”

preocupação já vinha se esboçando desde o final do Império, com a fundação das Escolas Normais.

Uma das tentativas de ampliar a formação da professora foi através da criação do *Pedagogium*, já em 1890. São palavras do então Diretor Geral da recém criada Instrução Pública, Sr Ramiz Galvão: “está, pois, fundado um instituto de verdadeiro ensino profissional, onde podem beber larga e sólida instrução os membros do magistério” (citado por Moacyr, 1941, p. 68-69). Eivado dos princípios da psicologia experimental, o *Pedagogium* abrigou o primeiro laboratório de psicologia pedagógica e um museu pedagógico no Rio de Janeiro (Campos, 2003, p. 133). Assim, já não bastava, a partir da República, a vocação; esta havia de ser aliada ao preparo profissional, como nas palavras de Müller (1999, p.13), “a construtora precisou ser construída”.

É como Nacif (2000, p. 15) assinala: “conhecemos a importância do traje como sinalizador visual de um dado social”¹³⁷. Roupas escuras e fechadas, sem ornamentos, sapatos sóbrios, tudo contribuía para conformar um “jeito de professora” (Louro, 2002, p. 461).



Detalhe da foto 69

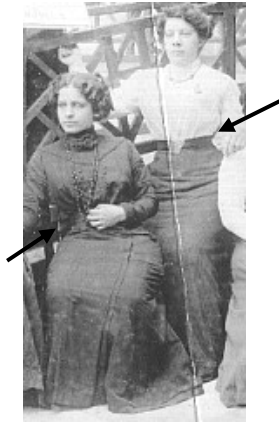
Nos preceitos ditados pela moda da *Belle Époque* (1890 a 1914), o espartilho era uma peça íntima muito comum no vestuário feminino, principalmente numa época que se apreciava a fina cintura de uma dama. Se apurarmos o olhar sobre a foto de 1915, mais precisamente nas cinturas das professoras sentadas, podemos perceber que suas cinturas são bastante reduzidas, o que talvez demonstre que essas

¹³⁷ A importância do vestuário no entendimento da personalidade é tão destacada que Freud, no início do século XX utilizava-se desse ponto em suas teses psicanalíticas sobre a feminilidade e masculinidade (Wilson, 1985).

mulheres também usavam essa peça no seu vestuário do cotidiano.



Foto 71
Espartilho feminino¹³⁸



Detalhes da foto 69

Esse ponto tem a ver com a discussão que Louro (2002) apresenta em seu texto, de que a professora é uma mulher que não deu certo, desviando-se do que era esperado pelo “contrato social” da mulher, ou seja, o casamento completado pela maternidade e os cuidados do lar; “mas, ao mesmo tempo, **ela era uma mulher, quando professora**, que tinha um nível mais elevado do que as outras, que ganhava seu próprio sustento e que, em consequência disso, usufruía algumas prerrogativas masculinas”(Louro, id., p. 466; grifos meus). Mesmo tendo sua sexualidade negada pelos cânones sociais que as estigmatizavam como masculinas, “cerebralinas”, que mantinham seus maridos e assim, nas palavras de Perrot (2005), as professoras carregavam-na inerentemente, pois não há como negá-la, mesmo que as roupas sisudas cubram-na como na tentativa de um disfarce.

Em relação à roupas usadas pelas professoras da foto da década de 1920 algumas diferenças marcantes podem ser observadas. As saias estão fundamentalmente mais curtas e com as cinturas menos marcadas em relação a 1915. As blusas ainda são abotoadas até a gola, com mangas compridas, mas já deixam entrever uma parte do pescoço. O que chama atenção são os trajes da diretora; apesar da saia ser um pouco mais curta, ela ainda mostra um estilo anterior às vestes das “meninas”, destoando do conjunto – e ao mesmo tempo, completando-o -, com um costume de cor escura, quando já é visível na “nova geração” a utilização de cores mais claras, trazendo leveza ao visual.

¹³⁸ Foto disponível em <<http://paulabeh.blogspot.com/2007/03/la-belle-poque.html>>. Acesso 10 jan 2008.



Em ambas as fotos, nota-se que algumas professoras estão de mãos dadas. Na foto de 1915, as professoras sentadas à esquerda do espectador; na foto da década de 1920, a diretora e outras ao seu lado. Não tenho como afirmar que uma daquelas mulheres que estão de mãos dadas na foto de 1915 seja a diretora, mas há essa prerrogativa, inclusive pelo arranjo da composição, de se apontar a figura central da Prudente de Moraes como tal.

À diretora de uma escola era atribuído o controle e a fiscalização de todos – alunos, professores, funcionários –, e das práticas escolares. Segundo Louro (2002, p. 458), quando essas instituições eram dirigidas por mulheres, leigas ou religiosas, elas assumiam o papel de **uma mãe superiora**, que zelava pelo funcionamento de tudo e de todos, geralmente constituindo-se numa espécie de modelo a ser seguido”(grifos meus). Assim como uma mãe zelosa, a diretora põe-se de mãos dadas com suas pupilas, conduzindo-as, zelando por elas, como a figura do pedagogo grego que dessa forma velava por seu amo.

Por sua função social, as professoras tinham de ter uma postura discreta e digna: “as mestras deveriam também se trajar de modo discreto e severo, **manter maneiras recatadas** e silenciar sobre sua vida pessoal” (Louro, 2002, p. 461; grifos meus).



É de se notar a maneira como sentam as professoras em ambas as fotos: joelhos juntos, costas retas, mãos unidas, quando não, os braços cruzados. Sorrisos, raros. Na foto de 1915, nenhum, fato além disso debitado à técnica fotográfica da época, que imobilizava a pessoa para que a chapa fosse executada. Por outro lado, qual não é o motivo da foto da

década de 1920, com uma técnica menos demorada, senão o recato das mestras em não mostrar um largo contentamento? Normas sociais ditadas e cumpridas pelas professoras.

No conjunto, os cortes de cabelo também harmonizam-se com o todo. Na fotografia de 1915 estes estão presos em coque no alto da cabeça, ou repartido no meio, mas ainda são presos, como era a moda. Na foto da década de 1920¹³⁹, os cabelos são curtos, porém penteados e nota-se, bem cuidados. Também são ondulados, como o das professoras que estão em pé, à esquerda do espectador.



Detalhe da foto 70



Foto 72
Penteado da década de 1920

Assim, como já foi dito anteriormente, a “fabricação” de um modelo docente vai além das práticas escolares, situando-se em muitos meandros da profissão, confundindo-se com a pessoa, conformando a personalidade e fazendo história.

¹³⁹O Penteado Castle Bob ao lado do detalhe das professoras - Irene Castle era uma famosa dançarina da década de 1910, quando nenhuma mulher que seguisse moda jamais cortava o cabelo, pelo contrario, até comprava mechas e apliques para deixar os penteados maiores. Mas Irene era uma dançarina e este tipo de cabelo não lhe permitia muita versatilidade. Assim, Irene passou a tesoura e começou a usar o cabelo bem curtinho, fazendo estes ondulados, que nos USA são conhecidos por *Bob*. Disponível em:

<<http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://vistase.files.wordpress.com/2007/12/20/penteados-para-o-fimdoano/&h=381&w=237&sz=11&hl=pt-BR&start=19&tbnid=2yRaNLkVEDcpMM:&tbnh=123&tbnw=77&prev=/images%3Fq%3Dpenteados%2Bda%2Bbelle%2Bepoque%26gbv%3D2%26hl%3Dpt-BR%26sa%3Dg>>. Acesso 20 jan 2008.

INSTITUTO PROFISSIONAL FEMININO ORSINA DA FONSECA



Foto 73

Turma de ginástica - 1929 - Augusto Malta

Fonte E/ CREP

Características da foto

Foto em p&b de 1929 de autoria de Augusto Malta no Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca no bairro da Tijuca, Rio de Janeiro. Na foto uma turma de 35 moças e a professora. Estão arrumadas em 03 fileiras, sendo que na primeira as alunas estão ajoelhadas no chão; na segunda, em pé; e na terceira, provavelmente, em cima de um banco. Elas estão sob um telhado, sendo provavelmente uma pátio coberto. No fundo da foto percebe-se árvores.

As alunas usam uniforme apropriado para a prática da educação física, composto de blusa de mangas e calção bufante. A professora destaca-se entre elas por estar no centro da foto e usar uma blusa de cor escura.

A foto tem enquadramento horizontal, e o *punctum*¹⁴⁰ da foto é a professora no meio das alunas. As meninas fazem pose para foto.

¹⁴⁰ No dizer de Barthes (1980, p.46), *punctum* “é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar”, ou seja, é aquele elemento da foto que fere a vista, sendo um aglutinador da visão do espectador.



Análise iconológica

A bem da verdade, dentro do incipiente sistema educacional que se erguia na capital, as Escolas Profissionais tinham objetivos diferentes em relação às escolas Secundárias¹⁴¹. Chamadas inicialmente Instituto Profissional Feminino¹⁴², essas escolas tinham como objetivo oferecer uma formação profissional às mulheres, voltada às tarefas e atividades domésticas, qualificando-as para o trabalho “fora de casa”, se necessário fosse.

As Escolas Profissionais diferiam dos Institutos Profissionais, menos pelos objetivos de sua formação do que por sua clientela. Os Institutos Profissionais – masculinos e femininos - foram criados para receber crianças em condição de miséria ou órfãs. Em caráter de internato, nos Institutos Femininos, “além do programa das escolas primárias, o ensino compreendia economia doméstica, estenografia, datilografia e higiene profissional; o ensino de artes incluindo



Foto 74
Escola Técnica Secundária
Rivadavia Correa
Oficina Culinária -
22.04.1936 - Augusto Malta

¹⁴¹ Segundo a Professora Maria Augusta Bittencourt, em entrevista concedida ao E/CREP no dia 8 de agosto de 2006, “após o advento da República, em janeiro de 1893, a instrução primária no Distrito Federal, passou, com seu pessoal e material, para a administração municipal”. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/sme/crep/entrevistas/1a_republica.htm#silas_mattos. Acesso em: 14 abr 2007.

¹⁴² Havia também os Institutos Profissionais Masculinos, com os mesmos objetivos de formação profissional para o mundo do trabalho. Como o foco da tese é o feminino, não detalho o ensino masculino, mas antecipo, segundo a Professora Maria Augusta Bittencourt (id., ib.), que o programa do Instituto Masculino “além do curso teórico, oferecia o curso de artes, com desenho, modelagem e escultura, decoração, música e ginástica e o curso profissional, no qual eram ensinados os ofícios de alfaiate, carpinteiro, encadernador, entalhador, ferreiro e serralheiro, latoeiro, marceneiro e empalhador, sapateiro, torneiro e tipógrafo”. Ofícios, narra a professora, não profissões.

desenho, música e ginástica e o ensino profissional, com aulas de costura, bordado, flores e trabalhos domésticos” (Bittencourt, 2006; Câmara, 2003).



Foto 75

Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca
Oficina de costura - Década de 1910 – Augusto Malta

Segundo Bonato (2003), o Instituto Profissional Feminino era uma escola que se destinava à educação das moças pobres, direcionando suas atividades para a preparação de mão-de-obra para o comércio. As profissões de estenógrafa e datilógrafa, por exemplo, eram alternativas à profissão de professora, denotando uma separação entre as camadas que tinham acesso às escolas normais e aquelas, menos favorecidas economicamente, que não tinham condições de ingresso na formação de professores. Criado por decreto em 1897, como Instituto Profissional Feminino foi inaugurado em 28 de outubro de 1898, como colégio interno. Em 1916 é transformado em Escola Profissional Feminina, em regime de externato. Em 1919 o colégio é renomeado como Escola Profissional Paulo de Frontin (Bonato, 2003).

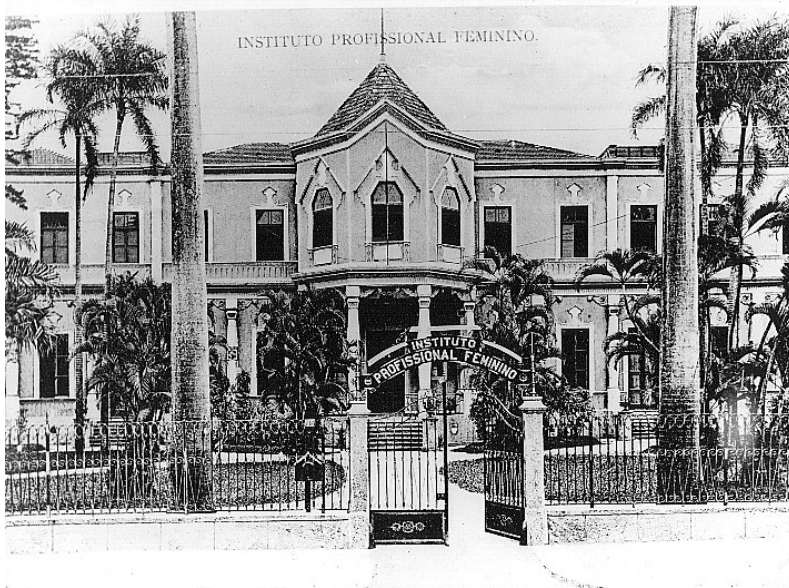


Foto 76
Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca
(prédio antigo, demolido) Bairro da Tijuca
Augusto Malta – 06.12.1929

Perrot (2007, p. 124) denomina essas profissionais de “empregadas de escritório”, ressaltando que são profissões socialmente bem vistas, mesmo que a remuneração seja restrita. A autora cita um exemplo de publicidade de uma escola profissional da época dirigida à pequena e média burguesia sem dinheiro, mas disposta a encaminhar suas jovens ao mercado decente de trabalho:

“O senhor não tem como dar dote para suas filhas? Mande-as para a Escola Pigier”, era o que se podia ler em cartazes publicitários. E a mensagem surtia efeito junto a uma pequena e média burguesias sem dinheiro, em busca de empregos convenientes e limpos para suas filhas, principalmente depois da Primeira Guerra Mundial (Perrot, 2007, p. 124; aspas no original).

O exemplo de Perrot traz a realidade francesa, mas que encontra ecos no Brasil, no Distrito Federal. Entretanto, uma ressalva é cabível: se na França contava-se com um índice elevado de pessoas alfabetizadas na época narrada, a leitura da publicidade surtia efeito. No Brasil, a propaganda, o oferecimento dos cursos em seu produto era também efetivado pelo texto visual, pela fotografia oficial de Malta, sendo um texto de fácil acesso aos analfabetos também.



Foto 77

Escola Profissional Orsina da Fonseca – Exposição de trabalhos manuais
Augusto Malta – 01.12.1929

O que era produzido na escola era fotografado para a divulgação da escola. Os trabalhos manuais tomam a importância de produtos manufaturados, que configuram um ofício, uma profissão, uma alternativa economicamente viável e “conveniente” para as moças pobres. Na foto acima, em exposição os trabalhos confeccionados pelas alunas da Orsina da Fonseca ao fundo, quase como que fazendo parte da exposição, as alunas com seus uniformes de avental, compondo a cena.

Numa ideologia de disciplinamento, tal qual a descreve Foucault (1998), o uniforme é um dos meios de controle; seja na fábrica, nas armas ou na escola, esse “fardamento” tem também a intenção de apagamento das diferenças e estabelecimento de uma ordem coletiva indiscutível. Os uniformes, por outro lado, criam uma estética escolar da igualdade através da qual o coletivo prevalece sobre o individual. Em se tratando de tempos de Primeira República, essa era uma função primordial da escola e seus aparatos, incluindo-se aí as vestes das professoras e dos alunos, formando um corpo docente e um corpo discente. Ambos os corpos concorriam à formação do grande gigante, a nação Brasil.

Lonza (2005, p. 18) completa essa idéia quando aponta que “todos se uniformizam para melhor caracterizar sua categoria ou função dentro de um contexto pré-determinado e diferenciá-la das outras”. As divisas, as cores, os tamanhos e modelos são pontos que vão regularizar, normatizar os uniformes, que serão alçados ao status de símbolos, ou seja, emblemas de pertencimento.



Foto 78
Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca
alumnas (na foto)
Década de 1910



Figura 30 - Os Operários
1933 - Tarsila do Amaral

Uma escola ou uma fábrica?

Alunas ou operárias? Será indicado o uso do vocábulo ou? São questões que podem ser apresentadas ao se contemplar a foto de 1910 do Instituto Profissional Feminino e compará-la com o quadro de Tarsila da Amaral, *Os Operários*, de 1933. A escola imbuída da ideologia da fábrica, com a produção de *coisas* e o incentivo aos trabalhos manuais.

Foucault (1998) ressalta que desde a época clássica o corpo tem sido visto como alvo de poder, demandando atenção constante como *algo* que se manipula, se modela, se treina e que responde à obediência. Assim, treinar o corpo em sua constituição física, além da destreza manual é ponto central nas escolas profissionais. Adestrar os movimentos era também função da educação física nas escolas, além de um preceito eugênico, como determinava a prescrição à época. Principalmente em se tratando de uma escola feminina, essa prática salutar e recomendável à boa saúde favoreceria a mulher no cumprimento de seu papel de mãe e dona-de-casa.



Detalhe da foto 73

No impulso de modernização do pós Primeira Guerra, as orientações eugênicas que percorriam as nações civilizadas desde final do século XIX prescreviam a prática de exercícios como meta a ser alcançada. Na foto da turma com uniforme de ginástica, as inovações são parte das pernas à mostra, tendência da moda dos anos 1920 que indica que as saias sobem. Essa, de fato, foi a grande evolução da década que muda radicalmente a partir de 1925, quando os trajes femininos encurtaram-se indo até pouco abaixo dos joelhos.

A vestimenta feminina sofre modificações e para que as mulheres pudessem andar de bicicleta ou a cavalo mais confortavelmente, usando um traje mais esportivo, é criada uma espécie de saia-calção bufante¹⁴³, proporcionando uma melhor movimentação.



Figura 31
Sportswear de 1920

¹⁴³ Imagem disponível em:

<http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.agelesspatterns.com/fw252.jpg&imgrefurl=http://www.agelesspatterns.com/1920s.htm&h=293&w=440&sz=38&hl=ptBR&start=39&tbnid=wgTsPxNgizGzaM:&tbnh=85&tbnw=127&prev=/images%3Fq%3Dsportswear%2Bem%2B1920%26start%3D21%26gbv%3D2%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN.> Acesso em: 20 mar 2008.

Atestando a modernidade do projeto republicano, a foto oficial, visto ter a autoria de Augusto Malta, é um pouco ousada, pondo em primeiro plano os joelhos das moças que trajam um tipo de *shorts*.

A prática de exercícios físico já havia sido recomendada por Rui Barbosa em Parecer de 1882, sendo posta em ação nas escolas normais da Corte em 1876 (Sousa e Vago, 2003). A idéia foi fortalecida a partir do ideal republicano da formação de uma nova nação, na qual habitariam homens e mulheres donos de um corpo “asséptico, belo, forte, saudável, **disciplinado e civilizado**” (id., ib., p. 279), *dignos* de freqüentar e habitar a cidade-capital. Na década de 1920, o estilista Jean Patou cria uma coleção de peças esportivas para a então Estrela do tênis. A esportista passa a usar o estilo *sportswear* criado para ela dentro e fora das quadras, inaugurando uma nova maneira mais confortável de se vestir (Wilson, 1985, p. 216-217). Observe a semelhança dos calçados da tenista¹⁴⁴ e da aluna do IPF Orsina.

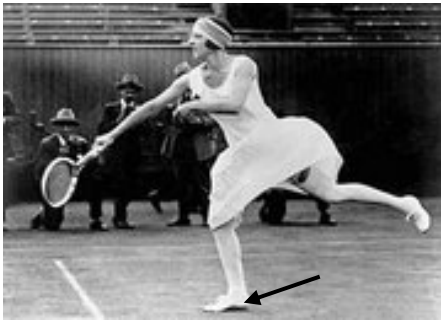


Foto 79
Suzanne Lenglen
Torneio de tênis 1922



Detalhe da foto 73

¹⁴⁴Imagem disponível em:

<<http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://content.answers.com/main/content/wp/en/thumb/9/91/180pxSuzanneLenglen.jpg&imgrefurl=http://www.answers.com/topic/suzannelenglen&h=129&w=180&sz=14&hl=ptBR&start=6&tbnid=TFKhVLi7RAIQvM:&tbnh=72&tbnw=101&prev=/images%3Fq%3Dsuzanne%2Blanglen%26gbv%3D2%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DG>>. Acesso em: 20 mar 2008.

A utilização de vestuário próprio à prática de exercícios físicos aparece no uniforme usado pelas alunas do Instituto Orsina: calças curtas e bufantes, blusas com mangas largas, sapato de tênis nos pés. À semelhança da sugestão ao lado, estava lançado o ideal de uma nova mulher, mais preparada para as tarefas que deveria desempenhar, com robustez e saúde.

Emblemático é o fato de que a professora da turma apesar dos avanços dos tempos modernos, continuar no centro da foto, com roupa escura, destacada no meio das alunas. O ponto de fuga O ponto de fuga é a professora, figura central para onde convergem as linhas da composição da foto, atestando, mais uma vez, a importância do seu papel de exemplo a ser seguido.

